

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

JÉSSICA HOEPERS MÜLLER

Afinal, o que querem e necessitam os alunos de pós-graduação stricto sensu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Uma survey aplicada no ano de 2018

Porto Alegre

2019

JÉSSICA HOEPERS MÜLLER

Afinal, o que querem e necessitam os alunos de pós-graduação stricto sensu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Uma survey aplicada no ano de 2018

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Pública.

Orientador: Christine da Silva Schroöder

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

Diretor: Prof. Dr. Takeyoshi Imasato

Vice-diretor: Prof. Dr. Denis Borenstein

COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA

Coordenador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Zilio Abdala

Coordenador substituto: Prof. Dr. Rafael Kruter Flores

Hoepers Müller, Jéssica

Afinal, o que querem e necessitam os alunos de pós-graduação stricto sensu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Uma survey aplicada no ano de 2018/
JÉSSICA HOEPERS MÜLLER. – 2019.

88 f.

Orientadora: Christine da Silva Schroëder

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO , 2019.

1. Gestão Pública. 2. Gestão de Pessoas. 3. Recursos Humanos. 4. Gestão Universitária 5. Universidade; 6. Pós-Graduação; 7. Stricto Sensu; 8. Políticas Pública I. da Silva Schroëder, Christine, orient. II. Título

JÉSSICA HOEPERS MÜLLER

Afinal, o que querem e necessitam os alunos de pós-graduação stricto sensu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Uma survey aplicada no ano de 2018

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Pública.

Trabalho aprovado. Porto Alegre, _____ de _____ de 2019.

Banca Avaliadora
Ariston Azevedo

Banca Avaliadora
Sueli Goulart

Prof.^a Dra. Christine da Silva
Schröder
Orientadora

Prof.^a Ms. Jaqueline Guimarães Santos
Coorientadora

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

O espaço que tenho aqui sempre será pouco para agradecer a todos que, de certa forma, me apoiaram na jornada da pós-graduação. Foi um caminho exigente, difícil, mas que despertou em mim a paixão pela academia, em que jamais havia pensado em ingressar como estudante, embora trabalhasse diretamente nela há mais de cinco anos.

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por disponibilizar um curso de pós-graduação de excelência, sem custo, às pessoas que atuam na Gestão Pública neste país. Neste ensejo, agradeço ao programa UAB (Universidade Aberta do Brasil), por expandir o ensino de qualidade a todos os cantos do Brasil, de forma gratuita, qualificando pessoas e mudando realidades, como foi o meu caso. À FAPERGS, através do projeto PRONEX - GreenCloud, a qual me concede bolsa DTI, para desenvolvimento das atividades laborais em meu trabalho, incluindo essa pesquisa.

Na esfera pessoal, tenho demais a agradecer a diversas pessoas, pela companhia, paciência, incentivo e carinho nesse período. Primeiramente, agradeço a meu eterno companheiro de vida, Lucas Donato, meu maior estimulador e cuidador zeloso, que me encoraja a continuar lutando e crescendo todo dia, em todas as esferas possíveis.

Às minhas “filhas de quatro patas”, Phoenix e Lucky, pelo amor, pela companhia, pela existência em minha vida e por estarem sempre perto de mim, mesmo quando estou trabalhando em um notebook.

Aos meus amigos e colegas da UFRGS, por compartilharem tantos momentos, me ouvirem, tomarem infinitos cafés e me apoiarem na escolha do mundo acadêmico como profissão a seguir futuramente, além da amizade e companheirismo incontestável de cada um. Aos meus gestores (atuais: Lisandro Granville e Philippe Navaux, e anterior, Ricardo Reis), por possibilitarem meu crescimento pessoal em um ambiente público como a universidade federal, e por serem pessoas incríveis, inspiradoras e apoiadoras do meu crescimento.

Agradeço imensamente, também, minha orientadora (e amiga), Prof^a Christine, que, com muito carinho, me ouviu e me acolheu no momento de procura de orientação (antes do período das orientações propriamente ditas), desenvolvendo comigo uma parceria incrível e riquíssima. Às minhas terapeutas, Patrícia Fontes (psiquiatra) e Mônica Branco (psicóloga), por me ajudarem a lutar contra diversos problemas enfrentados na pós-graduação e na vida particular, dando sempre o apoio necessário em tempo.

Aos que deixei em Florianópolis, meus amigos, que sempre fazem parte da minha

lembrança e alegram meus dias com o simples fato de tê-los na minha vida. À minha família, que por mais que não tenhamos uma relação ideal, fizeram o que puderam para contribuir com quem sou hoje.

A todos que, de certa forma, ajudaram a consolidar a pessoa que sou atualmente, meu muitíssimo obrigada por tudo.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa realizada com os alunos de pós-graduação *stricto sensu*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo objetivo foi de abordar as necessidades apresentadas no cotidiano acadêmico, dentro da instituição. Realizou-se uma pesquisa de modalidade *survey*, com a aplicação de um questionário online em escala Likert, com 5 níveis de respostas, aplicadas a 27 perguntas objetivas e uma dissertativa, de resposta opcional. As respostas e a análise de dados posterior apresentaram elementos significativos com relação às vivências dentro da pós-graduação, no que tange a relacionamentos, infraestrutura disponibilizada pela universidade, empregabilidade futura, saúde física e mental, finanças e demais demandas. Os respondentes propuseram, na resposta optativa do questionário, melhorias e sugestões para os programas de pós-graduação e universidade, informações que poderão servir como base para implementação de políticas públicas internas da instituição, a fim de propiciar melhor qualidade às experiências vivenciadas pelos pós-graduandos em sua formação.

Palavras-chaves: Pós-Graduação; *Stricto Sensu*; Políticas Públicas; Universidade; Alunos.

ABSTRACT

This work presents a research conducted with *stricto sensu* graduation students from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), whose objective was addressing the needs presented in everyday's academic life within the institution. A quantitative-qualitative data collection was performed through the application of an online questionnaire based on the Likert scale, with 5 levels of answers, applied with 28 objective questions and optional 01 essay. Data analysis over the collected answers presented significant aspects related to the experiences within the graduation degree studies, in relation to student's relationships, infrastructure offered by the university, future employability, physical and mental health, finance and remaining demands. The respondents proposed in the questionnaire's optional last question improvements and suggestions for graduate and university programs, an input that could serve as a basis for implementing institution internal public policies, improving experiences to graduate students in their academic formation.

Keywords: Post-Graduation; *Stricto Sensu*; Needs; Reality; Public Policy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Em meu programa de pós-graduação, sou cobrado por produções acadêmicas (artigos, trabalhos em eventos, capítulos de livro, inserção em projetos, etc.).	36
Figura 2 – O foco em produção acadêmica por parte do meu orientador prejudicou/prejudica a própria construção da minha dissertação/tese.	37
Figura 3 – Já abri/abro mão dos finais de semana e tempo pessoal para atender as deadlines e entregas de alguma produção.	38
Figura 4 – Já entrei em conflito que considero sério com meu orientador (minha orientadora).	39
Figura 5 – Tenho/tive dificuldades de socialização e lazer para além da Universidade, durante minha jornada na pós-graduação.	40
Figura 6 – Já pensei/penso em desistir de cursar a pós-graduação.	41
Figura 7 – Tive de pedir dinheiro emprestado à família e/ou amigos para cobrir despesas dos meus estudos, mesmo tendo bolsa de estudos, ou, justamente, por não tê-la.	43
Figura 8 – Tive problemas/dificuldades relacionados à busca de moradia.	44
Figura 9 – Tive problemas no meu PPG com falta de estrutura física (salas, etc.) para desenvolver as minhas atividades.	45
Figura 10 – Tive problemas no meu PPG com falta de estrutura tecnológica (laboratórios, biblioteca, softwares) para desenvolver minhas atividades.	46
Figura 11 – Tive problemas no meu PPG que envolveram questões pedagógicas/de interação com professores e servidores.	48
Figura 12 – Tive problemas no meu PPG que envolveram questões com colegas de aula/pesquisa.	49
Figura 13 – Tive problemas no meu PPG por falta de estrutura de fomento à pesquisa (auxílio para eventos, traduções, projetos em geral).	50
Figura 14 – Tive problemas relacionados à minha saúde psíquica (sintomas de stress, pânico, ansiedade e/ou depressão).	51
Figura 15 – Tive problemas relacionados à minha saúde física em geral.	52
Figura 16 – Sinto que o meu PPG não se preocupa/não está atento a questões de saúde mental dos pós-graduandos.	54
Figura 17 – Sinto que o meu PPG não se preocupa/não está atento a questões de saúde física dos pós-graduandos.	55
Figura 18 – Sinto que as demandas em geral, minhas e de meus colegas não são contempladas por ações do PPG e da Universidade.	56

Figura 19 – Me sinto desvalorizado(a) como pesquisador(a).	57
Figura 20 – Eu tive/tenho tido pensamentos negativos sobre meu futuro como pesquisador(a).	58
Figura 21 – Eu tive/tenho tido pensamentos negativos quanto à minha empregabilidade ao terminar a pós-graduação.	59
Figura 22 – Me senti/me sinto desamparado(a) pelo PPG.	60
Figura 23 – Me senti/me sinto desamparado(a) pela Universidade.	62
Figura 24 – Me senti/me sinto sobrecarregado(a) de responsabilidades.	62
Figura 25 – Percebi/percebo que minha família não me apoia nem me compreende na pós-graduação.	64
Figura 26 – Percebi/percebo que meus amigos fora da academia não me apoiam/não me compreendem na pós-graduação.	64
Figura 27 – Tive/tenho problemas familiares e/ou de relacionamentos durante a pós-graduação.	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação docente x discente	66
Quadro 2 – Infraestrutura	66
Quadro 3 – Bolsas de pesquisa	67
Quadro 4 – Fomento à pesquisa	67
Quadro 5 – Empregabilidade	68
Quadro 6 – Saúde mental e física	69
Quadro 7 – Interação com sociedade e academia	70
Quadro 8 – Atuação dos PPGs	71
Quadro 9 – Universidade	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados sobre distribuição de discentes, bolsas e PPGs nas regiões brasileiras	22
Tabela 2 – Colégios e Grandes Áreas	23
Tabela 3 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas)	28
Tabela 4 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Exatas e da Terra)	28
Tabela 5 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Agrárias)	29
Tabela 6 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências da Saúde)	29
Tabela 7 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Biológicas)	30
Tabela 8 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Humanas)	30
Tabela 9 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Engenharias)	30
Tabela 10 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Linguística, Letras e Artes)	31
Tabela 11 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Outros)	31
Tabela 12 – Total de alunos ativos por grande área - 2018	31
Tabela 13 – Tipo de Curso	34
Tabela 14 – Gênero	34
Tabela 15 – Grande Área CAPES	35
Tabela 16 – Recebimento de Bolsa	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPG - Associação Nacional de Pós-Graduandos

APG – Associação de Pós-Graduandos

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DINTER - Doutorado Interinstitucional

DTI – Desenvolvimento Técnico e Industrial

EEUSP – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

GEOCAPES - Sistema de Informações Georreferenciadas – CAPES

IES – Instituição de Ensino Superior

IGC – Índice Geral de Cursos

LOA – Lei Orçamentária Anual

MINTER - Mestrado Interinstitucional

PEC – Projeto de Emenda Constitucional

PG – Pós-Graduação

PNAES – Plano Nacional de Assistência Estudantil

PPG - Programa de Pós-Graduação

PPGs - Programas de Pós-Graduação

PRAE - Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

PRONEX – Programas de Apoio a Núcleos de Excelência

PROPG - Pró-Reitoria de Pós-Graduação

PUC-RIO – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UAB - Universidade Aberta do Brasil

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UFs – Universidades federais

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

USP - Universidade de São Paulo

USP RP – Universidade de São Paulo (Campus Ribeirão Preto)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Problema de pesquisa	17
1.2	Objetivo geral	19
1.3	Objetivos específicos	19
1.4	Justificativa	20
2	REVISÃO DA LITERATURA	21
2.1	Pós-graduação <i>stricto sensu</i> no Brasil	21
2.2	Áreas da PG <i>stricto sensu</i> no Brasil	22
2.3	Estudos envolvendo a PG <i>stricto sensu</i> no Brasil	23
3	CONTEXTO DO ESTUDO	27
3.1	A Universidade Federal do Rio Grande do Sul	27
3.2	PPGs <i>stricto sensu</i> na UFRGS	28
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
4.1	Classificação da pesquisa	32
4.2	Participantes da pesquisa e técnicas de coleta de dados	32
4.3	Análise de dados	33
5	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	34
5.1	Produção acadêmica e gestão do tempo	35
5.2	Relação de orientação	38
5.3	Socialização e lazer	40
5.4	Perspectivas de evasão	41
5.5	Infraestrutura e recursos financeiros do estudante	42
5.6	Infraestrutura e recursos financeiros do PPG	45
5.7	Relação com docentes, servidores e colegas	47
5.8	Incentivo específico à pesquisa	49
5.9	Questões relacionadas à saúde	50
5.10	Percepção geral sobre o atendimento a demandas	55
5.11	Percepções e perspectivas quanto a si mesmo na vida acadêmica	56
5.12	Percepção quanto ao papel das relações interpessoais fora da academia	63
5.13	Desafios e oportunidades de melhoria	65
6	CONCLUSÕES	73

REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PÓS-GRADUANDOS STRICTO SENSU UFRGS	80

1 INTRODUÇÃO

O ambiente acadêmico da PG *stricto sensu*. oferece aos seus integrantes, instituições e comunidade acesso à ciência, formulação de novas tecnologias e divulgação de novos conhecimentos e descobertas, acerca de um vasto contingente de assuntos a serem explorados.

Neste contexto, os envolvidos dedicam-se de forma particular à caminhada científica, e, nisto, intenciona-se que a Universidade, que visa suprir em termos de espaço, orientação e infraestrutura aos seus discentes, se torne uma espécie de “segunda casa” aos pós-graduandos desta modalidade, uma vez que estes dedicam seu tempo à formulação e aperfeiçoamento da ciência, passando assim parte de seus dias nesta instituição, com o intuito de poderem desenvolver suas pesquisas.

Entretanto, acredita-se que este mesmo ambiente da PG *stricto sensu* (Mestrado, especialmente o Acadêmico, e Doutorado) apresenta aos seus estudantes diversos desafios e experiências, podendo assim trazer importantes aprendizados em âmbito acadêmico e, também, em nível pessoal. Porém, muitas vezes, durante a jornada acadêmica, os pós-graduandos poderão encontrar desmotivações, frustrações e decisões complexas, para além de suas próprias expectativas quando do ingresso no *stricto sensu*.

Em decorrência disto, muitos destes alunos, em algum momento de sua pesquisa, cogitam abandonar os estudos em seus PPGs (programas de pós-graduação), por diversos fatores, supostamente, por exemplo, econômicos, familiares, sociais, psicológicos, dentre outros mais específicos. Assim, uma das consequências previsíveis é a evasão discente, acarretando desta maneira prejuízos não apenas à formação de pesquisadores no país, mas, de forma geral e no longo prazo, ao próprio ensino e à pesquisa e à imagem dos PPGs, e logo, da própria Universidade.

Balbachevsky (2005, p. 25), em atenção à necessidade de se pensar cuidadosamente a PG, corrobora este raciocínio:

As chances de que o ensino superior brasileiro venha a responder às demandas colocadas por essa nova realidade dependem, em grande medida, da habilidade de adaptação e auto-reforma da pós-graduação. É nesse contexto que a nova geração de acadêmicos está se formando. Para participar e usufruir das vantagens criadas pela nova economia mundial do conhecimento, o país necessita urgentemente melhorar a qualidade de seu ensino em todos os níveis. O sistema de pós-graduação construído no país tem um importante papel a desempenhar nesse processo.

Neste sentido, uma preocupação que surge, ao se pensar na qualificação da PG,

especialmente da *stricto sensu*, é justamente a preocupação de se analisar a qualificação da PG a partir de demandas dos próprios pós-graduandos enquanto atores importantes desta, em seus processos e relações.

1.1 Problema de pesquisa

A partir da preocupação apontada, então, pensou-se no seguinte problema de pesquisa:

Afinal, o que querem e necessitam os alunos de pós-graduação *stricto sensu* na Universidade Federal do Rio Grande do Sul?

Assim, partindo-se de uma preocupação mais abrangente com a PG *stricto sensu* no Brasil, tendo nos pós-graduandos e suas demandas de diferentes ordens o foco de análise principal, procedeu-se uma busca entre teses e dissertações nacionais recentes (últimos 10 anos) e, até o momento do início desta pesquisa, foi possível inferir que não há estudos que envolvam uma análise abrangente de diferentes demandas de pós-graduandos do *stricto sensu*, tampouco estudos que, a partir disso, foquem na sugestão de criação de políticas públicas (ou universitárias), a fim de atender a demandas exclusivas dos pós-graduandos.

Durante a realização deste estudo, também foi realizado um breve levantamento em bases de dados de periódicos nacionais, utilizando termos como, por exemplo, “pós-graduação”, “*stricto sensu*” e “pós-graduandos”, e examinando títulos e resumos no sentido de se conhecer o estado da arte e corroborar - ou não - a primeira inferência obtida a partir das teses e dissertações nacionais.

Nesta busca em teses e dissertações, foram localizados, principalmente, estudos que abordam de forma isolada aspectos comportamentais, empregabilidade pós-graduação dos estudantes e qualidade e quantidade da produção científica.

Richetti et al. (2014), em sua tese intitulada “Um instrumento para avaliar a formação de egressos da pós-graduação: o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina como estudo de caso”, aborda ferramentas já utilizadas atualmente pelos PPGs (programas de pós-graduação), através de entidades como CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e a possível criação de mecanismos complementares. A autora destaca, por exemplo, o papel multiplicador dos próprios egressos na produção de pesquisa e da própria CAPES, enquanto principal agente regulador, para avaliar a qualidade do que é produzido.

Haddad (2000, p. 5) trazem um estudo preocupado com questões de qualidade e métricas na PG, quantificando as produções acadêmicas de modo temporal e dentro da área de Educação.

Entre 1986 e 1998 foram defendidas 222 teses e dissertações acadêmicas. Há claro predomínio das dissertações de mestrado, que constituem 91% da produção, enquanto as teses de doutoramento representam apenas 9% do total.

Abordando o tema, por exemplo, da saúde mental na PG, Junta (2017, p.6) afirma que:

Infelizmente, a regra atualmente nos programas de pós-graduação é punir os estudantes que, em virtude da deterioração das condições da qualidade de vida, têm seu desempenho acadêmico prejudicado. Não é incomum que a Associação Nacional de Pós-Graduandos receba reclamações de pós-graduandos com dificuldades para pedir, ou renovar, prazos de titulação e qualificação em virtude de afastamentos comprovadamente causados por doença no período de realização do mestrado e doutorado. Infelizmente os dirigentes acadêmicos (não todos, mas em grande proporção) continuam insensíveis para o problema. Por quê? Em primeiro lugar, há uma certa cultura na academia do “*no pain, no gain*”. O “sacrifício” da vida pessoal é exaltado como meio para alcançar a excelência acadêmica. Isto se combina com um ambiente que incentiva uma competição sem limites, ora por prestígio, ora pelos próprios recursos financeiros – cada vez mais minguados nos últimos 2 anos – para se realizar as pesquisas acadêmicas.

Um estudo que se aproxima da presente pesquisa, em alguma medida, é o de Santos et al. (2015), em sua dissertação intitulada “O ingresso no Mestrado e a adaptação à pós-graduação *stricto sensu*”, em que a autora destaca que a evasão nessa modalidade de PG, muitas vezes, se dá pelo fato de o aluno não conseguir enfrentar eficientemente as dificuldades impostas pelo Mestrado ou Doutorado, e que fatores pessoais como estresse, pressão por produção acadêmica e a falta de adaptabilidade às dinâmicas da PG *stricto sensu*, bem como a qualidade da relação orientando-orientador, constituem elementos determinantes da permanência dos alunos em seus PPGs. Entretanto, podem existir outros fatores ainda não contemplados por esse tipo de análise.

Tendo-se a preocupação de forma tão ampla, pode-se pensar que um estudo desta proporção possa ser, num primeiro momento, realizado numa grande IES (instituição de ensino superior), e com a particularidade de esta IES ser pública e federal, por se compreender que este seria um contexto que aproxima a realidade de diferentes PPGs no país.

A partir daí, considerou-se que a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), enquanto universidade pública federal marcada, em sua história, pela tradição na educação, pelo contingente de alunos de PG oriundos de todo o Brasil e mesmo do exterior, e pelo frequente reconhecimento (e mesmo destaque) em *rankings* de avaliação do ensino e da pesquisa nacionais e internacionais, constitui-se espaço de interesse para a realização do estudo, para além do fato de esta mesma instituição manter o curso de especialização (*lato sensu*) em Gestão Pública da UAB (Universidade Aberta do Brasil), em cujo contexto, enquanto pós-graduanda, esta pesquisadora realiza esta pesquisa.

Segundo o site da UFRGS (2017a),

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul ficou em primeiro lugar entre as federais no Índice Geral de Cursos (IGC) de 2016, divulgado nesta segunda-feira, 27, pelo Ministério da Educação. Com pontuação de 4,29 em uma escala que vai de 1 a 5, a UFRGS atingiu a faixa máxima do IGC – 5, o que apenas 13 instituições no Brasil alcançaram.

Ainda, segundo a mesma fonte, tal posicionamento da Universidade se deu pela mensuração da qualidade do ensino de graduação, feito pelo ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), pela avaliação das instalações físicas, do corpo docente e da média dos conceitos de avaliação dos programas de pós-graduação desta.

Além da graduação, a instituição conta com PPGs, onde incluem-se mestrado (profissional e acadêmico) e doutorado. Mais precisamente, são 16 programas de mestrado profissional, 77 de mestrado acadêmico e 81 de doutorado. As grandes áreas de conhecimento (designação dada pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), abarcadas por estes programas são: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciência da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes, e a última categoria mais genérica, denominada Outros (UFRGS, 2019d).

1.2 Objetivo geral

Identificar e analisar demandas, de diferentes ordens, dos pós-graduandos da modalidade *stricto sensu* nos diferentes PPGs da UFRGS.

1.3 Objetivos específicos

- a) Fornecer à UFRGS dados fidedignos sobre o perfil e necessidades dos pós-graduandos do *stricto sensu* na instituição;
- b) Sugerir diretrizes para a elaboração e/ou aplicação de políticas na PG na Instituição;
- c) Propiciar uma primeira discussão a respeito do papel de diferentes agentes institucionais na PG na UFRGS na relação com os discentes;
- d) Contribuir, mesmo que a partir da perspectiva de uma única IES, para o conjunto de estudos, em diferentes campos disciplinares, que envolvam a realidade da PG no Brasil.

1.4 Justificativa

A autora deste trabalho, que atua na universidade em análise há mais de 5 anos como bolsista em gestão de projetos acadêmicos, inferiu, através do contato com colegas discentes da PG *stricto sensu*, fatores determinantes que possivelmente ocasionam problemas relacionados, principalmente, a qualidade de vida na PG, o que propicia a este meio elevado êxodo para o mercado de trabalho, ou ainda, para o exterior, a fim de mitigar tais desafios vivenciados na vida acadêmica.

Tal inferência trouxe a percepção de um reduzido amparo às demandas dos alunos de PG, tendo sido informalmente observadas críticas a procedimentos internos, relacionamentos com docentes, amparo institucional, dentre outros aspectos. Isto inclusive na literatura, sendo exemplo disto, cita-se Costa e Nebel (2018, p. 217), onde realiza-se um estudo do nível de saúde mental na PG e a pouca disponibilidade literária sobre estudos específicos sobre a pós-graduação

Essa é uma realidade é comum também entre pós-graduandos. Embora esse tema não seja tão explorado no âmbito da pós-graduação, as poucas pesquisas publicadas apontam que o nível de estresse mental entre os pós-graduandos é bem mais elevado do que entre os graduandos.

Considerada esta inferência a partir do contexto prático, bem como os possíveis apontamentos quanto à carência de literatura nacional relacionada ao tema, pensou-se em realizar uma pesquisa cujo resultado servisse de ferramenta para a implementação de políticas públicas internas para o *stricto sensu* na Universidade.

Assim, esta pesquisa tem o intuito de contribuir com a reflexão prática acerca de possíveis problemas enfrentados pelos alunos de *stricto sensu* da UFRGS e possíveis consequências institucionais, acadêmicas e pessoais aos pós-graduandos. A ideia é de que a pesquisa possa constituir um primeiro referencial para os PPGs da Universidade aproximarem-se de forma mais efetiva das demandas de seus alunos, que, segundo dados do site institucional UFRGS (2017b), são atualmente em torno de 10 mil alunos somente na PG *stricto sensu* na Universidade.

Adicionalmente, em termos teóricos, espera-se que o estudo possa contribuir para a reflexão sobre a PG a partir de estudos multi ou interdisciplinares, envolvendo principalmente áreas específicas como Políticas Públicas, Gestão Pública, Gestão Universitária, e dentro de grandes áreas de conhecimento como Ciências Humanas (Psicologia e Pedagogia) e Ciências Sociais Aplicadas (Administração).

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, serão apresentadas referências conceituais acerca dos seguintes tópicos:

- a) PG *stricto sensu* no Brasil;
- b) Áreas da PG *stricto sensu* no Brasil ;
- c) Estudos envolvendo a PG *stricto sensu* no Brasil.

2.1 Pós-graduação *stricto sensu* no Brasil

A gênese da PG no país é relativamente recente. Seu início, segundo Balbachevsky (2005), deu-se nos anos de 1930, com boa parte de seu corpo docente oriundo do exterior, seja por colaboração com o governo europeu, seja como asilados, em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

Estes trouxeram consigo um modelo de relação de docência de estilo tutorial, ou seja, o professor era catedrático e contava com um grupo enxuto de discípulos, os seus orientandos, os quais ajudavam o corpo docente em atividades, tais como o auxílio em ministração de aulas e em pesquisas. E ainda, o corpo docente tinha autoridade absoluta no tocante a quais metodologias de demonstração deveriam ser aplicadas em dissertações e teses, assim como também definiam as técnicas aplicadas às pesquisas realizadas.

A mesma autora ainda destaca que a PG no país, nesta época, assumia pequenas dimensões, existindo apenas em algumas universidades brasileiras. Sua regulamentação se deu na década de 1960, nos anos da Ditadura Militar, dando à PG um caráter nacionalista, e também, em 1967, foi fixada através do denominado “Parecer Sucupira”, aprovado pelo Conselho Federal de Educação. Este designava o formato institucional básico da PG brasileira, onde diferenciava-se os níveis de formação (Mestrado e Doutorado), definindo assim a continuidade entre estes. Tal parecer também estabelecia o Mestrado como requisito obrigatório para a curso de Doutorado.

O crescimento dos PPGs no país deu-se de fato a partir da década de 1990, onde os cursos desta modalidade aprovados pela CAPES cresceram exponencialmente, conforme afirmam Alves e Oliveira (2014, p.367):

No período de 1976 a 1990, o número de cursos havia saltado de 673 para 1.485. Na primeira metade dos anos 1990, o crescimento não foi tão

acentuado, passando de 1.485, em 1990, para 1.624, em 1996. Todavia, no período de 1996 a 2004, registra-se novamente um crescimento expressivo, passando de 1.624 para 2.993. Se considerarmos o número de cursos recomendados pela Capes, no período de 1976 a 2004, houve um salto de 673 para 2.993 cursos, o que representa um aumento de 5,6% ao ano.

Com o aumento de programas de PG *stricto sensu* no país, faz-se necessário também a criação de um número maior de bolsas de fomento à pesquisa, paga diretamente aos alunos de PG. No site da GEOCAPES (CAPES, 2017a), são apresentados dados atualizados acerca de distribuição deste benefício, assim como também são disponibilizados dados de distribuição de discentes no exterior, de discentes, docentes e PPGs no país, de valores investidos pela CAPES em fomento e bolsa, assim como dados sobre acesso ao portal de periódicos desta entidade.

A título de exemplificação, a Tabela 1 apresenta dados atualizados disponibilizados pela GEOCAPES, para cada região nacional:

Tabela 1 – Dados sobre distribuição de discentes, bolsas e PPGs nas regiões brasileiras

	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Nordeste	Norte
Distribuição dos Programas dos PPGs	925	1.916	350	868	236
Concessão de Bolsas	23.404	47.190	7.344	17.642	4.673
Distribuição de Discentes	74.038	177.625	25.702	66.428	16.580
Distribuição de Docentes	19.322	47.870	7.822	19.888	5.362

Fonte: (CAPES, 2017a)

2.2 Áreas da PG *stricto sensu* no Brasil

O país conta com uma série de PPGs em áreas e subáreas de conhecimento. Para fins de aprofundamento e facilidade de estudo, apresenta-se os conceitos apresentados pela CAPES, em suas avaliações dos PPGs *stricto sensu* brasileiros: Colégios e Grandes Áreas (CAPES, 2017b). Tais designações facilitam no momento de realizar a avaliação quadrienal, onde a mesma é feita por um comitê composto por representantes especialistas em suas áreas de conhecimento.

A Tabela 2 traz os colégios e grandes áreas da CAPES, onde se demonstra como as áreas de avaliação são agregadas, por critério de afinidade. Importante salientar que as grandes áreas subdividem-se em quantidade diversificada conforme especialidade de conhecimento, mas para fins de estudo será apontada apenas sua quantidade (entre parênteses), ao lado de sua grande área respectiva.

Tabela 2 – Colégios e Grandes Áreas

Colégio de Ciências da Vida	Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinares	Colégio de Humanidades
Ciências Agrárias (4)	Ciências Exatas e da Terra (5)	Ciências Humanas (9)
Ciências Biológicas (4)	Engenharias (4)	Ciências Sociais Aplicadas (7)
Ciências da Saúde (9)	Multidisciplinar (5)	Linguística, Letras e Artes (2)

Fonte: (CAPES, 2017a)

Adentrando especificamente nas quantidades de PPGs *stricto sensu* no país, têm-se aproximadamente 4500 programas validados pela CAPES, distribuídos por todas as regiões do Brasil.

Segundo dados referentes a 2017 da GEOCAPES (CAPES, 2017a), a grande área de Ciência da Saúde conta com 681 PPGs no país, a de Ciências Humanas já conta com 598 programas. Ciências Agrárias possui 393 programas espalhados no território, assim como as Multidisciplinares, que conta com 713 e Ciências Sociais Aplicadas, com 592. Tem-se também Ciências Biológicas, com 306 PPGs *stricto sensu*, as Engenharias, com 423, as Ciências Exatas e da Terra, com 333, e por fim, as Linguísticas, Letras e Artes, que possuem 210 programas no total.

2.3 Estudos envolvendo a PG *stricto sensu* no Brasil

Analisando o estado da arte em repositórios diversos, tais como BDTD, Scielo, Google Scholar e Periódicos CAPES, foi possível encontrar ocorrências com o termo "pós-graduação *stricto sensu* no Brasil" e variáveis encontradas na pesquisa, tais como: "pós-graduação *stricto sensu* brasileira" e "pós-graduação *stricto sensu* em 'X' no Brasil". Assim, a seguir, são destacados alguns estudos relacionados à temática.

A começar, tem-se o trabalho desenvolvido por Bonfim (2013) em sua dissertação denominada "Aspectos gerais da produção científica dos programas *stricto sensu* em contabilidade no Brasil: um estudo baseado nas teses e dissertações". Tal estudo visou contemplar a análise das produções de teses e dissertações da área de contabilidade e controladoria, dentro dos anos de 2007 a 2009.

Explorando ainda o tema de produtividade acadêmica da PG, têm-se o artigo de Bonadio (2005), intitulado "A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação *stricto*

sensu no Brasil", que busca realizar uma análise acerca da produção acadêmica no âmbito *stricto sensu*, e também, um estudo condicionante acerca de dados sócio-históricos que influenciam na campo de estudo da moda no país.

Ainda, Duca et al. (2011), em seu artigo chamado "Grupos de pesquisa em cursos de Educação Física com Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil: análise temporal de 2000 a 2008", visam corroborar a análise de produções acadêmicas deste espaço temporal de grupos de pesquisa acima denominados, conforme macrorregião, número de pesquisadores e cursos, analisando artigos, livros e capítulos de livros e periódicos produzidos.

Para exemplificar o estudo do perfil dos acadêmicos da modalidade *stricto sensu*, têm-se alguns exemplos, tal como a dissertação de Dantas et al. (2008), nominada "O perfil acadêmico dos docentes da pós-graduação *stricto sensu* dos Cursos de Administração no Brasil", que buscou traçar o perfil dos acadêmicos de *stricto sensu* em Administração do país, pesquisando e analisando de maneira exploratória, descritiva e documental, os currículos Lattes dos docentes das instituições que oferecem os cursos de pós graduação em Administração no país.

Maccari (2008), em sua tese intitulada "Contribuições à gestão dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em administração no Brasil com base nos sistemas de avaliação norte americano e brasileiro", visa apresentar soluções aos PPGs em Administração brasileiros, com bases nos sistemas de avaliação de qualidade norte-americanos e brasileiros já existentes.

Já a proposta da tese de Maduro (2014, p.8), denominada "Competências e carreiras docentes: um estudo da pós-graduação *stricto sensu* em instituições de ensino superior no Brasil", pretende, segundo a autora:

[...] analisar como têm se medido as carreiras dos docentes que atuam em programas de pós-graduação *stricto sensu* na área de administração e, ao mesmo tempo, identificar as competências profissionais necessárias para adequação às crescentes exigências da CAPES.

Souza (2014), em sua dissertação intitulada "Análise da influência da concessão de bolsa de estudos na produtividade acadêmica dos estudantes de administração ao nível pós-graduação *stricto sensu* no Brasil", pesquisou a influência do pagamento de bolsa de estudos e a sua influência na produtividade acadêmica dos estudantes de Administração em nível de PG desta modalidade no país.

Acerca do perfil dos pós-graduandos do *stricto sensu* no país, conta-se com uma vasta gama de pesquisas neste eixo. Pode-se exemplificar, inicialmente, a tese de Evangelista (2014, p.11), denominada "Estudantes de pós-graduação *stricto sensu* um novo e vultoso grupo social/profissional a ser conhecido". O autor descreve o objetivo de seu trabalho como:

[...] consistiu em identificar o pós-graduando como um grupo social que compartilha representações sociais, investigando suas relações com questões de gênero na construção da carreira acadêmica e nas escolhas relacionais, bem como suas relações com a maternidade e a paternidade, no processo de construção de família própria. Os estudos utilizaram diferentes instrumentos de coleta de dados, tomando como ponto de interesse principal o pós-graduando, este em suas relações, seus projetos para o futuro profissional e relacionados à constituição de família própria.

Em trabalhos desenvolvidos para perfil de egressos, encontram-se exemplos como o de Lima (2016, p.6), em sua tese denominada "Quanto vale uma pós-graduação *stricto sensu* no Brasil?: os efeitos do mestrado e doutorado na remuneração de seus egressos". Ele analisa:

[...] efeitos da pós-graduação *stricto sensu* sobre os rendimentos de seus egressos no Brasil a partir de uma base de dados com 433.000 egressos e mais de doze milhões controles titulados na graduação. Foram encontrados efeitos significantes de aproximadamente 17,7% para o doutorado, 13,0% para o mestrado acadêmico e 9,0% para o mestrado profissional.

Ainda sobre o ensejo do perfil dos egressos da modalidade *stricto sensu*, tem-se estudos correlacionados na academia brasileira, tais como o dos autores Felli et al. (2011), no artigo "Perfil de egressos da Pós-Graduação *stricto sensu* na área de Gerenciamento em Enfermagem da EEUSP", onde destaca-se o perfil de egressos dentre os anos de 2008 e 2011, dos cursos de Administração e Gerenciamento de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

O artigo de Faro (2013, p.51), "Estresse e estressores na pós graduação: estudo com mestrados e doutorandos no Brasil", apresenta um exemplar de um rol de pesquisas acerca de saúde mental na PG. Este artigo visa demonstrar:

[...] os principais estressores que ocorrem na pós-graduação, como também buscou determinar o índice de estresse e as variáveis a ele associadas. Participaram 2.157 pós-graduandos, oriundos das cinco regiões do país. Além de coletar dados acerca do perfil sociodemográfico, formação e atuação profissional, aplicaram-se a Escala de Estresse Percebido e uma lista contendo 28 possíveis estressores na pós-graduação.

No quesito saúde mental de pós-graduandos, ainda tem-se o exemplo de GALDINO (2015, p.100), em sua dissertação denominada "Síndrome de Burnout e qualidade de vida entre estudantes de pós graduação *stricto sensu* de Enfermagem". Sua pesquisa demonstrou "avaliar a ocorrência da síndrome de Burnout e sua relação com a qualidade de vida entre mestrados e doutorandos de Programas de Pós-Graduação em Enfermagem." Demonstrou, por exemplo, que a academia contribui com a construção de uma qualidade de vida desfavorável, contribuindo assim para o aumento dos índices de tal síndrome.

Erdmann et al. (2012), em seu artigo "O alcance da excelência por programas brasileiros de pós graduação de *stricto sensu* com doutorado em Enfermagem", abordam um estudo de como os PPGs modalidade *stricto sensu* em Enfermagem, avaliados pela área de Enfermagem da CAPES, alcançaram o conceito 6 de excelência.

Costa (2015, p.10), em "Docência universitária e formação pedagógica: o estágio da docência na pós-graduação *stricto sensu*", destaca o papel fundamental do estágio em docência nessa modalidade da PG, que pretendeu analisar "a contribuição do Estágio de Docência para a formação dos pós-graduandos dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, destacando ações que colocassem em evidência a valorização da docência neste processo".

Abordando um tema pertinente às relações humanas, Alves, Espindola e Bianchetti (2012), em "A relação orientador-orientando na pós- graduação *stricto sensu* no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão", discutem em seu artigo conceitos acerca de autonomia e poder simbólico, típicos de uma relação orientador-orientando.

Bianco et al. (2010, p.1) abordam o desafio brasileiro da internacionalização dos PPGs no trabalho intitulado "A internacionalização dos programas de pós-graduação em Psicologia: perfil e metas de qualificação", aborda-se:

a internacionalização como parte fundamental nos esforços para alargar o horizonte de interlocuções das pós-graduações no país e para a maior qualificação dos mesmos. Circunscreve a internacionalização no fenômeno indiscutível da globalização ao mesmo tempo em que aponta a necessidade de se manter uma visão crítica sobre suas conseqüências para o funcionamento das instituições.

Alves e Oliveira (2014), por seu turno, dissertam, em "Pós graduação no Brasil: do Regime Militar aos dias atuais", sobre a constituição dessa modalidade de ensino no país, seus aspectos históricos, traçando um linear desde seu nascimento até dias recentes.

3 CONTEXTO DO ESTUDO

3.1 A Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A UFRGS, instituição que tem 85 anos de história, com sede localizada na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, conta com 6 campus, sendo 5 na capital gaúcha e uma no litoral gaúcho. Esta data de 1934, ano que foi criada

[...] foi criada pelo Decreto Estadual 5.758 de 28 de novembro de 1934, assinado pelo Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul e visava a “dar uma organização uniforme e racional ao ensino superior no Estado, elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica e concorrer eficientemente para aperfeiçoar a educação do indivíduo e da sociedade”. A Universidade de Porto Alegre foi, inicialmente, constituída dos seguintes estabelecimentos: Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Escola de Engenharia, com os cursos de Veterinária e Agronomia; Instituto de Belas Artes e Faculdade de Educação, Ciências e Letras (a ser criada). As unidades isoladas Escola de Engenharia, Faculdade de Medicina e Faculdade de Direito, constituem os pilares básicos da Universidade de Porto Alegre que, sob a influência do positivismo imprimiram a identidade diferenciada do ensino superior gaúcho voltado à pesquisa científica e técnica (UFRGS, 2019a, p.1).

A Universidade, inclusive, destacou-se como uma das melhores universidades de países emergentes, segundo levantamento feito pela revista *Times Higher Education*, do Reino Unido. Em matéria da GAUHAZH (2019) afirmam que “a instituição ocupa o quinto lugar entre as melhores brasileiras — atrás de USP, Unicamp, PUC-Rio e Unifesp —, mas teve um aumento expressivo em relação à posição que ocupou em 2018: passou da faixa entre os lugares 201 a 250 para a 119^a colocação.”

Nesta universidade há algumas pró-reitorias, as quais auxiliam em determinadas demandas internas, tais como a PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis) e a PROPG (Pró-Reitoria de Pós-Graduação). A primeira, inaugurada entre as décadas de 1950 e 1960, trata de assuntos atinentes às demandas, organizadas em departamento para atender à estas, tais como Departamento de Benefícios e Assistência Estudantil, Divisão de Bolsas, Departamento de Infraestrutura, Divisão de Alimentos, etc. UFRGS (2019c).

A segunda pró-reitoria mencionada, a PROPG, é a unidade que coordena recursos financeiros para estudo e pesquisa e dá suporte à serviços e demandas exclusivas da PG. Esta é responsável pela emissão de diplomas de PG, de convalidação de diplomas, de divulgação e gerenciamento de bolsas de estudo e pesquisa, assim como também atua em rotinas administrativas, como processos de importação, por exemplo UFRGS (2019b).

3.2 PPGs *stricto sensu* na UFRGS

Atualmente, a instituição em análise conta com mais de 80 PPGs, distribuídos entre as grandes áreas da CAPES, totalizando 9623 estudantes ativos.

As Tabelas 3 a 11 a seguir mostram dados referentes ao número de alunos de Mestrado e Doutorado *stricto sensu* ativos no ano de 2018 na instituição, conforme dados coletados pela Plataforma Sucupira, no site da CAPES, já com a distinção de alunos *stricto sensu* e programas DINTER E MINTER, diferentemente dos dados fornecidos pela PROPG, que contemplavam todos os alunos de todos os tipos de PG (para esta pesquisa especificamente não estão sendo considerados dados relativos a alunos de MINTER e DINTER).

Tabela 3 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas)

Ciências Sociais Aplicadas	Mestrandos (as)	Doutorandos (as)
Administração	189	150
Arquitetura	61	41
Comunicação	84	44
Controladoria e Contabilidade	20	-
Design	62	89
Direito	155	83
Economia	78	76
Estudos Estratégicos Internacionais	39	65
Museologia e Patrimônio	10	-
Planejamento Urbano e Regional	66	53
Total da área	764	601

Fonte: (CAPES, 2018)

Tabela 4 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Exatas e da Terra)

Ciências Exatas e da Terra	Mestrandos (as)	Doutorandos(as)
Computação	159	92
Física	38	74
Geociências	149	155
Matemática	11	25
Matemática Aplicada	13	38
Química	51	112
Sensoriamento Remoto	45	47
Total da área	466	543

Fonte: (CAPES, 2018)

Tabela 5 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Agrárias)

Ciências Agrárias	Mestrandos(as)	Doutorandos(as)
Ciências do Solo	18	47
Ciência e Tecnologia de Alimentos	34	48
Ciências Veterinárias	72	90
Medicina Animal: Equinos	44	35
Microbiologia Agrícola e do Ambiente	34	33
Zootecnia	38	76
Total da área	240	329

Fonte: CAPES (2018)

Tabela 6 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências da Saúde)

Ciências da Saúde	Mestrandos(as)	Doutorandos(as)
Alimentação, Nutrição e Saúde	20	-
Cardiologia e Ciências Cardiovasculares	38	45
Ciências Cirúrgicas	45	22
Ciência do Movimento Humano	114	107
Ciências Farmacêuticas	57	87
Ciências Médicas	92	88
Enfermagem	36	48
Gastroenterologia e Hepatologia	32	16
Ginecologia e Obstetrícia	40	41
Endocrinologia	27	52
Epidemiologia	28	54
Odontologia	91	141
Ciências Pneumológicas	47	33
Psiquiatria e Ciência do Comportamento	40	65
Saúde Coletiva	13	-
Saúde da Criança e do Adolescente	60	42
Total da área	780	841

Fonte: (CAPES, 2018)

Com os dados coletados, observou-se o número total de alunos de PG ativos no ano de 2018, conforme Tabela 12.

Tabela 7 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Biológicas)

Ciências Biológicas	Mestrandos(as)	Doutorandos(as)
Biologia Animal	40	45
Biologia Celular e Molecular	30	64
Bioquímica	35	90
Botânica	26	51
Ecologia	37	39
Farmacologia e Terapêutica	12	22
Fisiologia	25	38
Genética e Biologia Molecular	42	117
Neurociências	23	39
Total da área	270	511

Fonte: (CAPES, 2018)

Tabela 8 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Ciências Humanas)

Ciências Humanas	Mestrandos(as)	Doutorandos(as)
Antropologia Social	35	69
Ciência Política	28	93
Educação	171	165
Filosofia	22	31
Geografia	84	80
História	84	118
Política Social e Serviço Social	42	-
Políticas Públicas	31	34
Psicologia	60	93
Psicologia Social e Institucional	108	92
Sociologia	67	109
Total da área	732	884

Fonte: (CAPES, 2018)

Tabela 9 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Engenharias)

Engenharias	Mestrandos(as)	Doutorandos(as)
Engenharia Civil	78	57
Eng. Civil: Const. e Infraestrutura	66	55
Engenharia de Minas, Met. e de Mat.	527	405
Engenharia Elétrica	50	48
Engenharia de Produção	84	70
Microeletrônica	38	32
Rec. Hídricos e San. Ambiental	74	90
Total da área	917	757

Fonte: (CAPES, 2018)

Tabela 10 – PPGe número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Linguística, Letras e Artes)

Linguística, Letras e Artes	Mestrandos(as)	Doutorandos(as)
Artes Cênicas	36	45
Artes Visuais	51	52
Letras	155	214
Música	26	33
Total da área	268	344

Fonte: (CAPES, 2018)

Tabela 11 – PPG e número de alunos ativos em 2018 (Grande Área: Outros)

Outros	Mestrandos(as)	Doutorandos(as)
Agronegócios	27	31
Ciência dos Materiais	32	52
Desenvolvimento Rural	62	77
Ensino de Física	11	17
Ensino de Matemática	40	-
Total da área	172	177

Fonte: (CAPES, 2018)

Tabela 12 – Total de alunos ativos por grande área - 2018

Grande área	Total de alunos
Ciências Sociais Aplicadas	1365
Ciências Exatas e da Terra	1009
Ciências Agrárias	596
Ciências da Saúde	1621
Ciências Biológicas	781
Ciências Humanas	1616
Engenharias	1674
Linguística, Letras e Artes	612
Outros	349
Total geral das áreas	9623

Fonte: (CAPES, 2018)

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o tipo de pesquisa, bem como a caracterização dos participantes e as técnicas de coleta e análise de dados utilizadas.

4.1 Classificação da pesquisa

Realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa (survey), com propósito de diagnóstico e proposição de planos.

4.2 Participantes da pesquisa e técnicas de coleta de dados

A participação dos sujeitos na pesquisa envolveu aplicação de questionário (27 questões fechadas, com 5 opções de resposta em escala *Likert*, e uma questão discursiva, com resposta opcional) enviado a todos os pós-graduandos do *stricto sensu* da UFRGS. As questões emergiram, principalmente, do referencial teórico da pesquisa.

Foram excluídos da pesquisa os alunos dos cursos MINTER (Mestrado Interinstitucional) DINTER (Doutorado Interinstitucional), PPGs associados a outras IES e os PPGs profissionais. Tal medida tomada visou dar prioridade aos estudantes alocados PPGs *stricto sensu* (modalidade acadêmica, somente) nos *campi* da UFRGS. O instrumento de pesquisa foi elaborado com base em categorias originadas do referencial teórico, e foi aplicado somente a alunos ativos da instituição.

Os questionários foram enviados via *Google Forms*. Na folha de rosto do questionário na web, foi exposto um termo explicativo, informando que todos os dados coletados seriam utilizados de forma totalmente global e anônima na análise. Aplicou-se essa *survey* entre os meses de outubro e novembro de 2018, conforme o Apêndice A deste estudo.

Para fins de cálculo de amostragem, considerou-se como população o número total de estudantes ativos dos PPGs já mensurados (total de 9623 alunos) também considerando adequados um nível de confiança de 95% e uma margem de erro amostral tolerável de 4%. Foi utilizada a calculadora amostral disponível no site *Survey Monkey*, chegando-se a uma amostra de 566 respondentes.

Tal número de respondentes conseguiu-se através do envio de email para os contatos das secretarias da totalidade dos PPGs da universidade, os quais repassaram o

convite para participação aos seus alunos (excetuando, novamente, alunos do DINTER, MINTER, PPGs em parcerias com IES públicas e modalidade *stricto sensu* profissional).

É importante salientar a aplicação da modalidade de questionário para a coleta de dados. Já diria Parasuraman, Grewal e Krishnan (1991 apud CHAGAS, 2000, p.1)

[...] um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais.

4.3 Análise de dados

Considerando-se os participantes da pesquisa e as técnicas de coleta de dados definidas no item 4.2, foram aplicadas diferentes formas de análise de dados para os questionários:

a) para as questões abertas: a análise das respostas foi realizada por meio de análise de conteúdo. Esta análise envolve, essencialmente, um conjunto de procedimentos que busca inferências a partir de um texto, procurando compreender significados nem sempre explícitos (ROESH, 1999). Para BARDIN (1977), a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise de comunicações compreendendo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo de mensagens, excluindo-se, por exemplo, repetições e redundâncias e conferindo objetividade à análise.

b) para as questões fechadas: tais questões foram tabuladas e analisadas com análise estatística descritiva simples. A análise estatística descritiva simples busca, principalmente, comparar características entre os conjuntos de dados e identificar erros, empregando ferramentas como gráficos, tabelas e medidas como porcentagens, índices e médias (REIS; REIS, 2002). Acrescentou-se também referencial teórico acerca de cada questão analisada, e ainda, trechos de respostas discursivas coletados, a fim de aprimorar a análise.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são finalmente apresentados os dados coletados na pesquisa, começando pelo perfil dos respondentes, onde detectou-se, primeiramente, o perfil dos pós-graduandos da UFRGS, quanto à tipo de curso, gênero, grande área da CAPES a qual pertence e situação de recebimento de bolsa de pesquisa. Após estes dados, são apresentados, através de gráficos, depoimentos e referencial teórico, as perguntas realizadas e seus percentuais de respondentes. A fim de facilitar os assuntos abordados na pesquisa, separou-se as mesmas em subitens, conforme segue: Produção acadêmica e gestão de tempo, Relação de orientação, Socialização e lazer, Perspectivas de evasão, Infraestrutura e recursos financeiros do estudante, Infraestrutura e recursos financeiros do PPG, Relação com docentes, servidores e colegas, Incentivo específico à pesquisa, Questões relacionadas à saúde, Percepção geral sobre o atendimento a demandas, Percepções e perspectivas quanto a si mesmo na vida acadêmica, Percepção quanto ao papel das relações interpessoais fora da academia e Desafios e oportunidades de melhoria.

Tabela 13 – Tipo de Curso

Tipo de Curso	Percentual (%)
Mestrado	44,5
Doutorado	55,5

Fonte: Autora (2019)

Tabela 14 – Gênero

Gênero	Percentual (%)
Feminino	59
Masculino	40,6
Outro	0,4

Fonte: Autora (2019)

Tabela 15 – Grande Área CAPES

Grande Área CAPES	Percentual (%)
Ciências Sociais Aplicadas	21,9
Ciências Exatas	14,7
Ciências Biológicas	14,3
Ciências Humanas	11,3
Artes, Linguística e Literatura	9,2
Multidisciplinar	8
Engenharias	8
Ciências da Saúde	7,8

Fonte: Autora (2019)

Tabela 16 – Recebimento de Bolsa

Recebimento de Bolsa	Percentual (%)
Com bolsa de estudos (CAPES, CNPq ou outros) e com dedicação exclusiva	62,5
Sem bolsa de estudos, mas com atividade profissional concomitante	28,4
Sem bolsa de estudos, mas com auxílio de terceiros (família, amigos, etc.)	4,4
Nenhuma das condições acima	4,7

Fonte: Autora (2019)

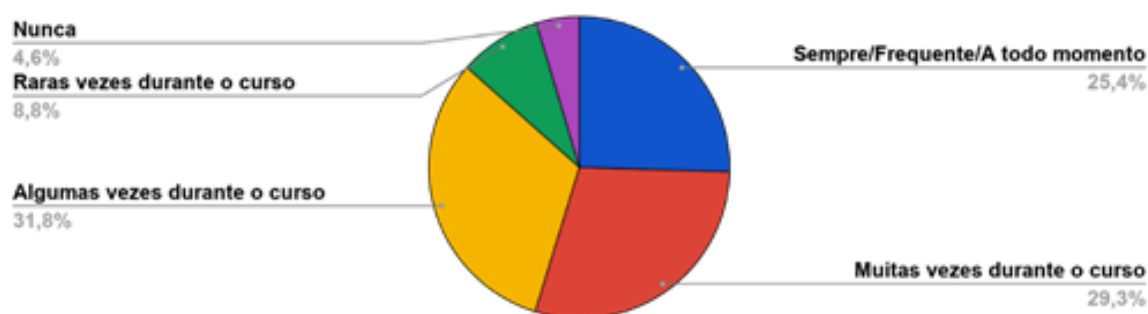
A seguir, através de gráficos, são apresentadas as respostas coletadas pelo questionário aplicado, juntamente com a análise de cada item à luz do referencial teórico e de trechos das respostas da questão discursiva.

5.1 Produção acadêmica e gestão do tempo

Os resultados obtidos neste questionamento demonstram que os pós-graduandos vivenciam pressão constante por produção acadêmica, como possível reflexo de pressões institucionais, objetivando que se atinja um melhor ranqueamento dos PPGs no Sistema CAPES e todas as suas implicações, bem como aumentar o prestígio nacional e internacional dos programas.

Expressões utilizadas para a pressão por resultados, como por exemplo "publicar ou perecer", fazem parte da jornada dos estudantes, que atuam, junto com seus orientadores e o próprio PPG, na produção cada vez mais substancial de artigos, trabalhos em eventos científicos, participação em projetos, dentre outros.

Figura 1 – Em meu programa de pós-graduação, sou cobrado por produções acadêmicas (artigos, trabalhos em eventos, capítulos de livro, inserção em projetos, etc.).



Fonte: Autora (2019)

Mattos (2008, p.144) demonstra essa motivação:

À flor da pele, está a pressão institucional por publicação. Ela motiva por toda parte mudanças em rotinas e normas, discussões, queixas e até observações jocosas, como aquela que nos associa glamorosamente ao “*publish or perish*” de nossas matrizes acadêmicas, ou aquela outra do professor-professor: “esqueceram de mim” – as aulas e orientação de alunos não valem nada na pontuação feita pelo Sistema Capes.

Relatos dos respondentes ilustram tal realidade, relacionando-a, inclusive, a outras consequências:

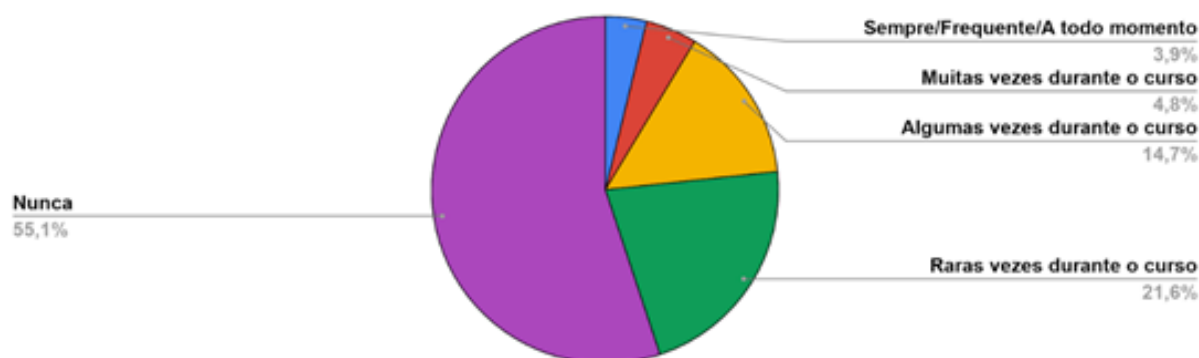
Pressão que temos pessoalmente em querer cumprir metas (sobretudo na publicação de artigos). Publicar em revistas bem qualificadas (A e B1). Os programas poderiam ser mais uniformes e definir algumas obrigаторidades básicas. E como não constam do regulamento dos programas não sabemos bem o que é prioritário ou não e nem um limite mínimo obrigatório (falo de participação em congressos, publicações ou assistências a bancas).

Os maiores desafios são lidar com a pressão e cobranças. Além disso, manter um bom relacionamento com os colegas, os quais fazem toda a diferença na hora de desenvolver e acreditar em um projeto.

A pressão constante por resultados, sem considerar outras formas de construção do conhecimento, que afeta a minha saúde mental e o prazer que tinha nas atividades relacionadas à academia.

Os respondentes, em sua maioria, na questão objetiva, avaliam que nunca ou raramente a demanda por produção por parte do orientador prejudica a construção de sua dissertação/tese. Entretanto, observa-se que tal situação, ainda assim, é possível de ocorrer, uma vez que conforme já mencionado, o quadro docente se encontra sob pressão constante, por parte da universidade, das instituições de fomento à pesquisa, dentre outros. Logo, a demanda excessiva por produção, ao estender-se para os pós-graduandos, poderia

Figura 2 – O foco em produção acadêmica por parte do meu orientador prejudicou/prejudica a própria construção da minha dissertação/tese.



Fonte: Autora (2019)

em alguns casos prejudicar o desenvolvimento da pesquisa principal destes, que envolve a dissertação ou tese.

Caran et al. (2010, p.738) dissertam sobre a pressão exercida sobre a docência:

Com relação aos professores-pesquisadores, destaca-se que eles são avaliados quantitativa e qualitativamente, de acordo com o número de artigos publicados em revistas indexadas, e participações em eventos, seguindo a ótica de que é necessário publicar muito. Estas atividades devem ser desenvolvidas e compatibilizadas com as tarefas de atendimento às demandas da graduação e pós-graduação, do crescente número de alunos e turmas, do número de horas-aula, entre outros, protagonizando o exemplo do desequilíbrio entre ensino e pesquisa e da quantificação da relação docente-discente.

Na questão aberta, foram encontrados alguns relatos de alunos que sofrem com a falta de equilíbrio entre a produção acadêmica e a demanda própria do aluno com sua dissertação ou tese:

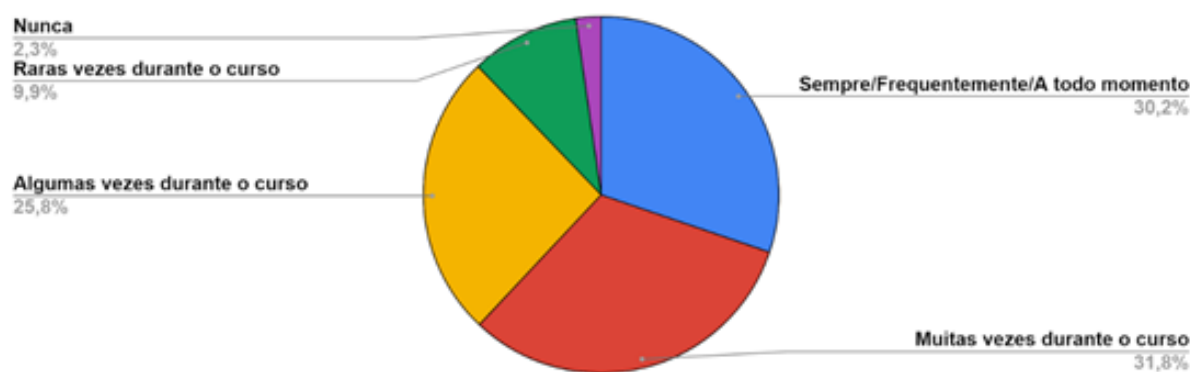
Muitas aulas que cobram produção de ensaios e artigos e pouco tempo para se dedicar para a pesquisa ou outras produções do interesse do mestrando ou doutorando [...]

Atender a demanda de artigos, em termos de quantidade, ao longo do mestrado.

Grande parte dos respondentes relatam um cenário delicado acerca da qualidade de vida percebida durante o período de PG. Finais de semana, feriados, noites são utilizados para atender às demandas do curso, com elevada frequência.

Moreira (2009 apud FARO, 2013, p. 52) aborda o fenômeno do produtivismo e do quantitativismo, onde os principais atores da PG (discentes, orientadores e coordenadores)

Figura 3 – Já abri/abro mão dos finais de semana e tempo pessoal para atender as deadlines e entregas de alguma produção.



Fonte: Autora (2019)

sufrem com a “constante necessidade de aumento no volume de produção bibliográfica”. Tais fatores, neste caso, afetam diretamente a vida do pós-graduando, sobrecarregando-o de demandas para além dos horários de trabalho/estudo.

A carga horária excessiva foi mencionada por alguns alunos:

O maior desafio é vencer essa lógica da produtividade, que muitas vezes não fica explícita mas sempre direciona os/as estudantes produzir um novo artigo. Isso faz com que sempre estejamos correndo atrás de muitos prazos e fiquemos ansiosos e muitas vezes em pânico, com tantas tarefas acadêmicas que se cruzam com nossa vida pessoal. Na rotina acadêmica trabalhamos muito mais do que 8h por dia, trabalhamos os 3 turnos, trabalhamos nas madrugadas, tudo para poder cumprir os prazos e enviar os artigos para congressos, periódicos e apresentações de seminários [...]. [...]. Ingressei no curso muitíssimo motivado com os novos conhecimentos que desenvolveria, e já no primeiro semestre quase desisti. Faz muito tempo que não tenho um final de semana livre, e a minha motivação foi transformada em uma esperança cega de que o curso acabe de uma vez e eu possa voltar a dividir o meu tempo entre mais de uma atividade.

5.2 Relação de orientação

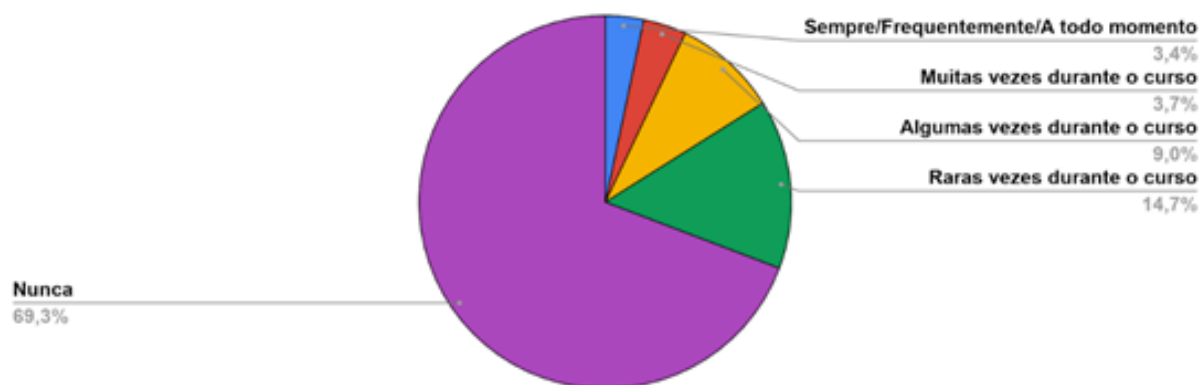
Constatou-se que grande parte dos pós-graduandos indica ter uma relação de boa qualidade com seus orientadores. Visivelmente, a maior parte dos pesquisados possui uma interação contemplando compatibilidade ideológica e empática, o que auxiliaria na proposição e andamento das atividades da PG.

Filho e Martins (2006, p.100), abordam a relação orientador-orientando

Os orientadores são personagens que mantêm relações singulares, intersubjetivas, complexas e ricas em detalhes com os orientandos, e, desta

convivência, resultam dissertações e teses que contribuem para a sistematização e consolidação do conhecimento científico em determinada área. Todavia, para que este processo seja produtivo, é necessário que os orientadores e os orientandos conheçam as suas prerrogativas, constituindo através de um relacionamento construtivo o espaço propício e efetivo para a geração de conhecimentos

Figura 4 – Já entrei em conflito que considero sério com meu orientador (minha orientadora).



Fonte: Autora (2019)

O bom relacionamento e compatibilidade são essenciais para as interações e para a própria atuação de discentes e docentes. Viana e Veiga (2010, p.225) apontam implicações das diferenças de opiniões e ideologias nessa relação:

Diferenças de opiniões e de ideologias existem entre as pessoas. A aprovação de um projeto depende muito da identificação, da afinidade de idéias. É muito complicado para um professor orientar um trabalho que caminhe na contramão daquilo que ele acredita e defende. Se as divergências forem de foro íntimo, com certeza precisam ser respeitadas e não deixar que interfiram no campo profissional, mas do ponto de vista acadêmico certamente isso será um complicador difícil de ser superado

Entretanto, Viana (2008, p.98) destaca que tais compatibilidades firmadas podem ser líquidas, uma vez que o relacionamento destes atores seria somente de foro profissional.

A maioria dos orientadores é enfática sobre a importância do estabelecimento de uma relação empática e de considerar o lado emocional, afetivo do orientando, mas, para poucos, isto não é relevante, porque se trata de uma relação profissional.

Finalmente, nessa relação de orientador-orientando, podem ocorrer ainda alguns casos de abuso de poder, prejudicando a harmonia desta. Constituem relatos quanto a este aspecto:

[...] É muito comum os alunos executarem tarefas administrativas como pagar contas (inclusive contas pessoais dos orientadores), comprar materiais e declarar notas. Tarefas de docentes, como preparação de alunas práticas, substituir professores, cuidar provas, dentre outras tarefas que são dever do orientador. Todas essas atividades extras que os alunos executam para manter uma boa relação com o orientador, acabam sobrecarregado e tornando a pesquisa um fardo na vida dos alunos.

O maior problema que vejo na UFRGS é uma questão paradoxal: os professores, os orientadores, a própria comissão de PPG, os coordenadores veem como uma questão extremamente negativa o pós-graduando trabalhar. Sinto que estes atores vivem numa utopia acadêmica, justamente por serem já concursados e terem bons salários, parecem não entender que a realidade da maioria das pessoas é diversa da deles: temos que trabalhar para nos sustentar, e isso demanda entre 8 a 12 horas por dia (esta é a realidade da iniciativa privada, que onde a grande maioria dos pós-graduandos que trabalham estão lotados).

5.3 Socialização e lazer

Figura 5 – Tenho/tive dificuldades de socialização e lazer para além da Universidade, durante minha jornada na pós-graduação.



Fonte: Autora (2019)

Esta questão, embora apontando resultados bastante equilibrados, ainda demonstra uma realidade dentro da academia, determinada pela acirrada competição por produção, por categorização do PPG perante a avaliação da CAPES. Tal competição, embora entendida como parte do processo, se mal gerenciada, pode trazer prejuízos à comunidade acadêmica, impactando diretamente na socialização dos alunos de PG com outros colegas, com docentes, dentre outros atores, comprometendo a capacidade de cooperação entre pares, mas também, desenvolvendo problemas psicossociais, como o isolamento social.

Luz (2004 apud LUZ, 2005, p.46), atribui o isolamento social à fatores de competição acadêmica:

Mas é muito importante sublinhar o movimento de competição desenfreada para “subida de conceito” que o processo desencadeia em nível individual e institucional, com evidente consequência para a saúde de todos os implicados, visível em somatizações de todos os tipos, face ao agravamento do ambiente de isolamento e hostilidade no trabalho provocado pelos valores individualistas.

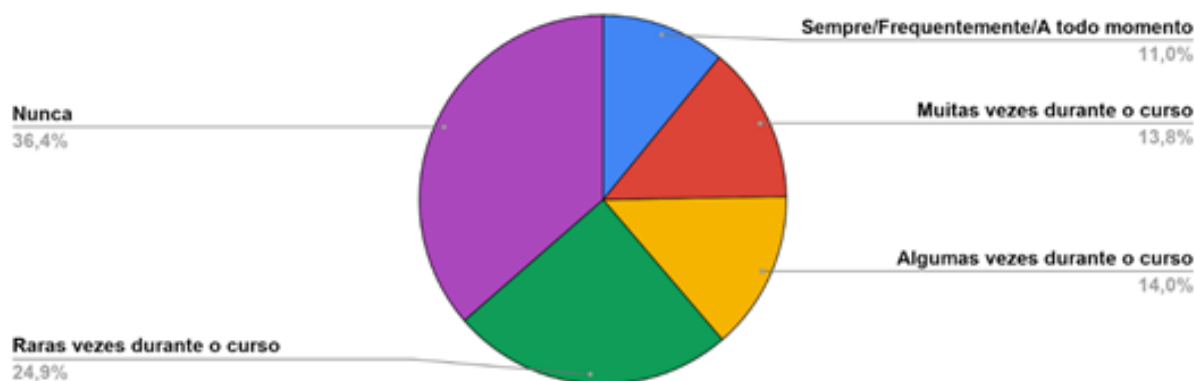
Ainda no que tange às dificuldades, foram relatados problemas quanto à sociabilização por diversos respondentes da pesquisa:

Produção acadêmica exige demais da gente: mente, corpo, e por vezes alma. O meu PPG, e percebo que outros também, não se preocupam com a vida das pessoas, mas com o quanto elas são capazes de produzir. Existe um distanciamento grande entre as pessoas [...].

Para mim que venho de fora e estou longe de todas as pessoas importantes para mim, tenho apenas como companheiras inseparáveis a solidão, paranoia e a pressão [...].

5.4 Perspectivas de evasão

Figura 6 – Já pensei/penso em desistir de cursar a pós-graduação.



Fonte: Autora (2019)

Os dados apontam um ligeiro equilíbrio entre as opiniões, variando entre os pós-graduandos que nunca cogitaram em evadir da academia, *versus* os que já pensaram/pensam em evadir desta. No que tange aos grupos que cogitam a desistência, vários fatores podem ser determinantes para que tal medida seja tomada, tais como: relacionamentos não-saudáveis com seus colegas, orientadores, problemas pessoais, financeiros, demasiada pressão do PPG e comunidade acadêmica para cumprimento de prazos e produção científica de excelência, dentre outros.

Ferreira e Pacheco (2009, p.723), apontam um dos possíveis fatores de evasão na academia:

O processo de orientação de dissertações e teses, no Brasil, vem sendo marcado, pela “angústia” dos prazos, critérios quantitativos estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que exige qualidade de excelência num mínimo de tempo de 24 meses entre o processo seletivo e a defesa. Os alunos, oriundos de todas as áreas, não possuem as leituras necessárias à compreensão do seu próprio objeto de investigação, quando este já existe, mesmo sabendo por, reiteradamente, apregoar-se que uma dissertação e uma tese têm que ser originais, importantes, viáveis e possuir uma destinação social com questões propositivas ou com um encaminhamento do que Saviani (1991) denomina “monografias de base”.

Ainda tem-se a consideração de Berndt (2003 apud FILHO; MARTINS, 2006, p.101), que demonstrou, em seu artigo, os principais fatores levantados para a desistência da PG, dentro da área de Administração:

[...] uma das razões mais significativas do abandono dos cursos, mesmo já com créditos concluídos, deveu-se a problemas relacionados à orientação. Segundo relatos dos alunos, tais fatores foram a falta de uma orientação mais efetiva da dissertação ou tese (14%); a falta de tempo, de conhecimento, didática e dedicação dos professores ao programa de pós-graduação (12%); melhor organização dos horários de aulas e de encontros com os orientadores (23%).

Nesta *survey*, também figuraram relatos de alunos que já pensaram ou pensam em desistir da PG:

[...] Mesmo que o conceito do programa seja elevado, não posso acreditar que essa é a melhor (ou única) forma de manter o conceito alto. Ingressei no curso muitíssimo motivado com os novos conhecimentos que desenvolveria, e já no primeiro semestre quase desisti [...].

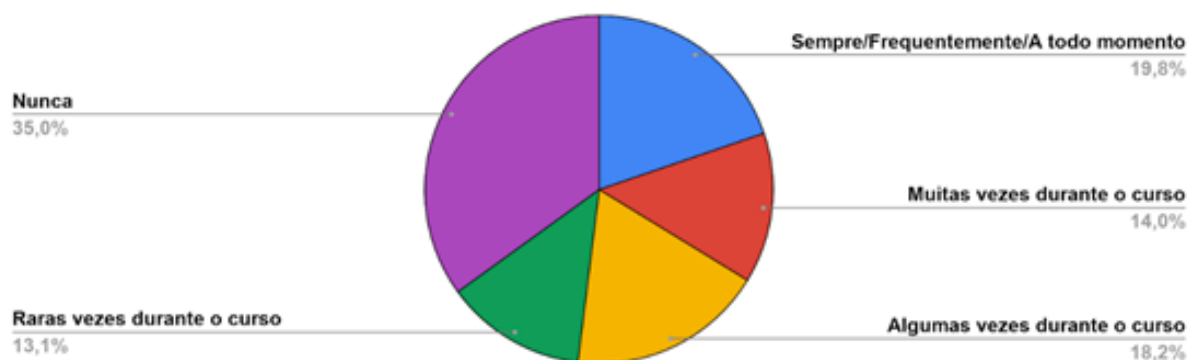
Não existe um movimento em tornar as relações mais humanas, nem entre colegas, nem entre professores. É frio e antipático, um simples bom dia por parte dos professores parece que lhes dói, não existe a mínima empatia por parte dos professores sobre as dificuldades financeiras que encontramos para nos manter em Porto Alegre. Não irei desistir, mas não sei se faria de novo.

5.5 Infraestrutura e recursos financeiros do estudante

De forma relativamente equilibrada, o presente tópico alerta que uma parcela ligeiramente superior à metade dos alunos respondentes, tanto bolsistas quanto não-bolsistas, apresenta certas dificuldades financeiras em sua jornada acadêmica, podendo recorrer à ajuda de parentes, amigos ou outros.

Lyra (2018, p.1) demonstra como pesquisadores encontram desvantagens financeiras, mesmo frente a um emprego com carteira assinada ou estatutário no serviço público.

Figura 7 – Tive de pedir dinheiro emprestado à família e/ou amigos para cobrir despesas dos meus estudos, mesmo tendo bolsa de estudos, ou, justamente, por não tê-la.



Fonte: Autora (2019)

Vale destacar que todo bolsista deve dedicar-se exclusivamente à sua pesquisa, proibindo assim outras fontes de renda (trabalho remunerado concomitante e acúmulo de bolsa são vedados, por exemplo).

Diferente de outras profissões, os aspirantes a pesquisadores possuem uma longa jornada de incertezas em sua carreira. Enquanto procuram aperfeiçoamento técnico e intelectual em determinada área e ainda fazem pesquisa de ponta, os alunos de pós-graduação não possuem as mesmas seguranças e benefícios de um profissional de carteira assinada ou dos servidores públicos.

O autor supracitado, nesta publicação recente, ainda destaca que os bolsistas de PG não percebem reajustes em suas bolsas desde 2013, ano no qual foi realizado o último reajuste (bolsas de mestrado, de R\$ 1.350 para atuais R\$ 1.500, e doutorado, de R\$ 2.000 para R\$ 2.200).

Segundo o site de notícias online UOL (2019), o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), destacou que, em 2018, o salário mínimo ideal para custear os direitos básicos constitucionais de até quatro pessoas de uma família (moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e Previdência Social), seria no valor de R\$ 3.636,04. O site aponta que “O departamento divulga mensalmente uma estimativa de quanto deveria ser o salário mínimo para atender as necessidades básicas do trabalhador e de sua família, como estabelecido na Constituição”. Com isso, nota-se a defasagem sofrida nas bolsas de pós-graduação, por não sofrer reajuste há mais de 4 anos, assim como seu valor, que fica aquém dos direitos básicos constitucionais.

Os valores de bolsas pagos e sua disponibilidade foram amplamente citados e criticados nesta pesquisa, conforme depoimentos a seguir:

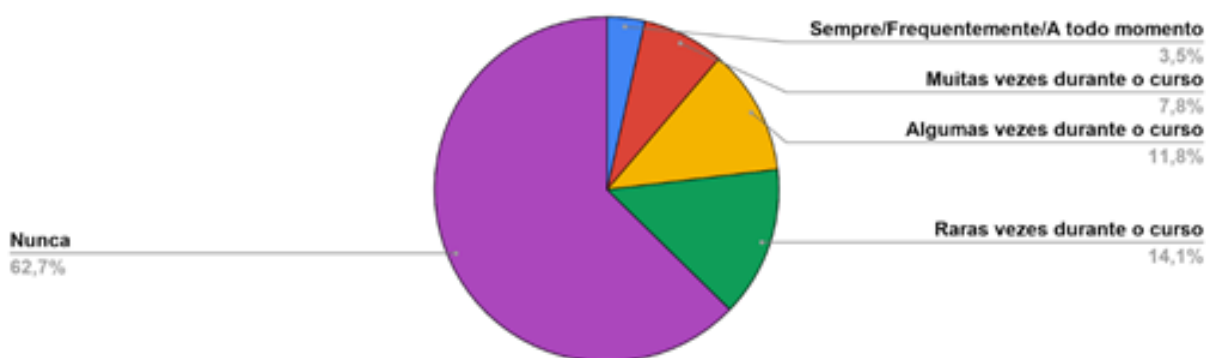
[...] Quero ir para o exterior, mas também não há verba. A pouco consegui bolsa (2 anos de espera), mas ela não será o suficiente para me sustentar e ainda conseguir poupar para tentar participar em eventos no exterior. O auxílio fornecido pelo PPG não paga nem a passagem aérea.

[...] valor da bolsa não condiz com todos os gastos que temos já que exigem participação em congressos, falta de perspectiva de emprego, cobrança do orientador até mesmo fora do meu horário.

Meu programa é o [...] e em virtude dos cortes de bolsas, há 3 anos decidi que mestrandos recebem 12 meses de bolsa e doutorandos 24 meses. É bom por um lado (todos recebem bolsa em algum momento do curso), mas ruim por outro lado [...].

Baixa remuneração, esforço elevado, dedicação completa e nenhuma previsão de empregabilidade ou futuro financeiramente estável. É muito (muito!) trabalho e pouco ou nenhum reconhecimento.

Figura 8 – Tive problemas/dificuldades relacionados à busca de moradia.



Fonte: Autora (2019)

Conforme dados coletados, a maioria dos respondentes não encontrou dificuldades ou teve poucas barreiras para poder adquirir uma moradia durante seu período de PG. Tal fato pode ser atribuído ao próprio pagamento de bolsas (mesmo que apontadas anteriormente como deficitárias), a fim de custear gastos como moradia, alimentação, ou ainda pela disponibilidade de amigos, família ou terceiros poderem ceder um cômodo da sua casa aos estudantes, sem custos adicionais, ou dividir despesas, tornando a moradia mais viável. Ou, ainda, a possibilidade de organizar repúblicas estudantis, com o intuito de dividir despesas e baratear o custo de vida durante a jornada acadêmica.

Na dissertação denominada “Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho: um estudo sobre o alongamento da escolarização entre mestrandos na UFSC”, levantou-se um perfil desses alunos com relação à sua escolha de moradia. A autora desta pesquisa, Mattos (2007, p.129), traz que

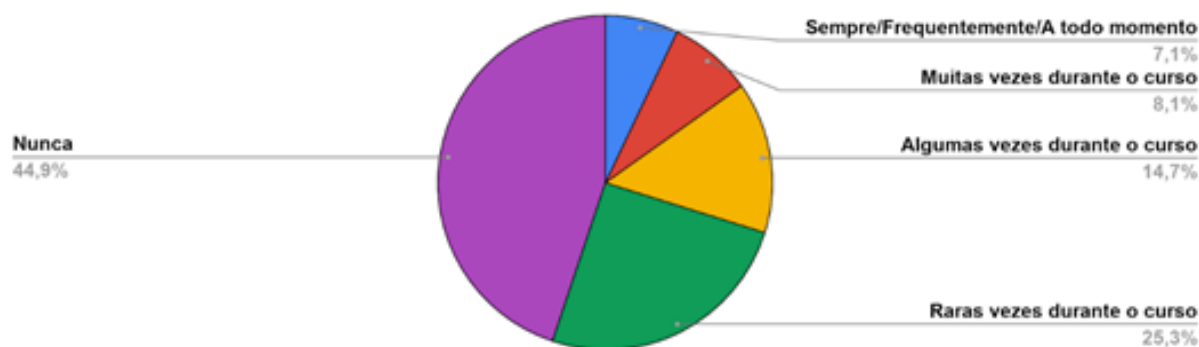
Em relação à condição de moradia, de acordo com a tabela 08, 31% moravam com colegas, 28% sozinhos, 19% com esposo(a) ou companheiro(a), 17% com os pais e/ou irmãos e outros 5%, com parentes.

Com tal levantamento, pode-se deduzir que os alunos de PG podem ter a escolha da modalidade de moradia, podendo dividir com amigos ou colegas, com sua família, com cônjuges ou ainda, sozinhos.

A universidade em estudo, por ser uma instituição federal, participa do PNAES (Plano Nacional de Assistência Estudantil), dispõe de alojamento estudantil para alunos de baixa renda. Embora haja tal modalidade de benefício, a UFRGS disponibiliza tal benefício somente para alunos de graduação e PG (não-bolsistas).

5.6 Infraestrutura e recursos financeiros do PPG

Figura 9 – Tive problemas no meu PPG com falta de estrutura física (salas, etc.) para desenvolver as minhas atividades.



Fonte: Autora (2019)

Os resultados obtidos apontam que a maioria dos pós-graduandos não enfrentam ou raramente enfrentam problemas com a estrutura física disponível na UFRGS. Para a maioria dos respondentes, há uma boa infraestrutura de salas, laboratórios e artefatos para pesquisa disponíveis na Universidade, raramente havendo dificuldade de acessá-las.

Entretanto, mesmo com a percepção de boa estrutura por parte da maioria dos respondentes, a universidade pública vem sendo afetada, em alguma medida, com a necessidade de contenção de despesas. O atual Reitor da instituição, Prof. Rui Oppermann, decretou na UFRGS menor tempo de funcionamento das atividades (turnos de 6 horas, das 7h30min às 13h30min, diariamente), de janeiro a março de 2019. O intuito deste decreto foi reduzir custos com energia elétrica e outros gastos, a fim de garantir um fundo de caixa seguro para custear tais despesas no decorrer de 2019, alegando-se causa nos cortes constantes no orçamento nacional para a Educação. O Reitor justificou tal medida em entrevista ao *Jornal do Comércio*:

A UFRGS tem tido forte queda nas suas dotações orçamentárias para o custeio das atividades de ensino, pesquisa e extensão nos últimos anos,

sendo que o orçamento aprovado na Lei Orçamentária Anual (LOA) 2019, proveniente dos Recursos do Tesouro Nacional, mantém a mesma dotação de 2018, e que vários preços e tarifas de bens e serviços têm tido aumentos, especialmente a energia elétrica, cuja tarifa em Porto Alegre já sofrera aumento de 30% no mês de janeiro de 2018 (COMÉRCIO, 2019, p.1).

Foram coletados alguns depoimentos abordando dificuldades enfrentadas acerca de estrutura física dos PPGs e universidade:

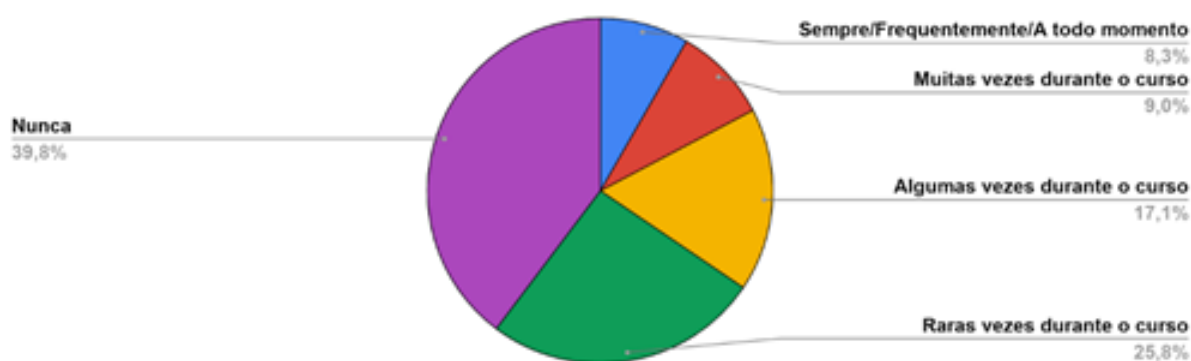
Excesso de cobrança, falta de estrutura para realização de experimentos e análises, falta de dinheiro e problemas de saúde físicos e mentais por conta do estresse.

[...] Fora isso, um laboratório todo improvisado, sem nenhum apelo estético e que é limpo raras vezes pelas faxineiras da Universidade. Enfim.. acredito que muitas coisas poderiam ser melhor estruturadas e organizadas, e acho inclusive que isso poderia refletir no desempenho dos alunos.

Realizar a pesquisa, pois não temos verba para materiais, nem mesmo salas disponíveis. Temos que arcar com os materiais e tentar conseguir salas emprestadas a fim de conseguir fazer as coletas.

O maior desafio é ter de trabalhar em casa por não termos um espaço específico para os pós-graduandos utilizarem computadores no PPG. Trabalhar em casa é improdutivo e estressante.

Figura 10 – Tive problemas no meu PPG com falta de estrutura tecnológica (laboratórios, biblioteca, softwares) para desenvolver minhas atividades.



Fonte: Autora (2019)

A maioria dos respondentes assinalaram que nunca ou raramente enfrentam problemas de estrutura tecnológica disponível pela universidade. Tal condição pode ser explicada graças aos investimentos já feitos nas universidades federais, através de incremento financeiro oriundos de projetos. O departamento divulga mensalmente uma estimativa de quanto deveria ser o salário mínimo para atender as necessidades básicas do trabalhador e de sua família, como estabelecido na Constituição financiados por agências fomentadoras,

assim como os recursos disponibilizados pelas esferas federais, estaduais e municipais, para incentivo à educação.

No entanto, tem-se a ciência de que a pasta de Educação sofreu cortes constantes de dotações orçamentárias, exemplificando o Proposta de Emenda à Constituição nº 214/2016, que determina o Novo Regime Fiscal (conhecida como a “PEC do teto”), delimitando os gastos públicos a longo prazo, a fim de tornar estável os patamares da dívida pública. Entende-se que tal medida afeta os gastos direcionados à educação, congelando assim incrementos e investimentos em universidades:

O prazo de vigência proposto para o Novo Regime Fiscal é de vinte anos, considerado pelo Executivo como “necessário para transformar as instituições fiscais por meio de reformas que garantam que a dívida pública permaneça em patamar seguro”. Entretanto, admitindo que a formatação atual da proposta possa “não ser a mais adequada daqui a alguns anos”, prevê-se que, a partir do décimo exercício de vigência do novo regime, lei de iniciativa exclusiva do Chefe do Poder Executivo poderá propor método de correção diverso para o limite de gastos (BRASIL, 2016, p.3).

Desafios com a falta de infraestrutura tecnológica foram descritas na resposta opcional:

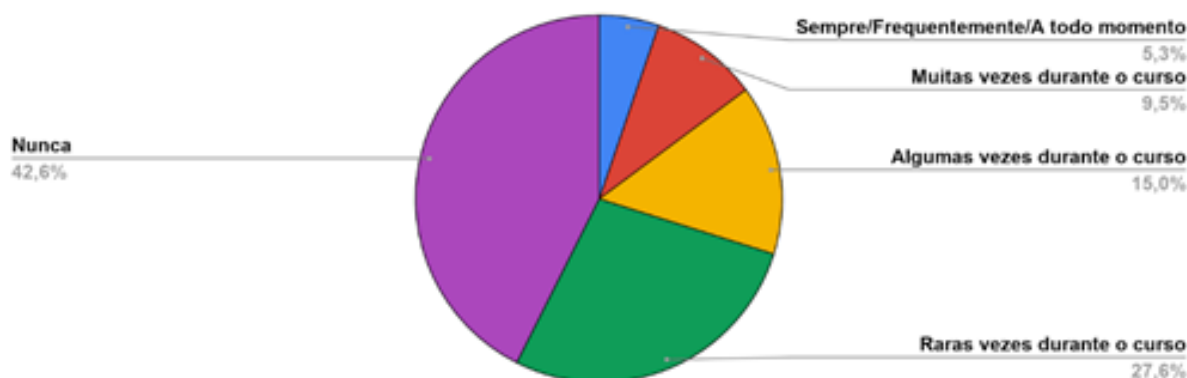
O valor da bolsa, que permanece o mesmo há anos, a falta de recursos para inscrição em eventos, traduções e correções dos artigos, compra de alguns materiais de laboratório e até mesmo a falta de equipamentos mais modernos para as análises [...].

A situação dos horários e possibilidades de oferta nas bibliotecas poderia ser melhor com maior investimento. Se preciso estudar em biblioteca, acabo me dirigindo à da PUCRS pois possui uma infraestrutura e horários mais acessíveis do que a oferta em minha instituição.

5.7 Relação com docentes, servidores e colegas

A grande maioria dos respondentes apontaram nunca ou raramente apresentar problemas no que tange às relações com professores e servidores e questões pedagógicas.

Figura 11 – Tive problemas no meu PPG que envolveram questões pedagógicas/de interação com professores e servidores.



Fonte: Autora (2019)

Entretanto, surgiram relatos acerca de carências nesta questão, conforme segue:

[...] deve-se notar que os professores pouco comparecem ao campus para orientação e se organizam em muitos para dar aula a poucas pessoas a fim de reduzir a carga horária de aulas. Quando um não pode comparecer, cancela-se a aula, ou seja, aumenta-se as chances de cancelamento da aula conforme aumenta o número de professores em sala de aula. Em suma, o descaso dos professores com a função pública é um fator que desestimula qualquer aluno que pretende fazer algo produtivo.

Falta de preparo dos professores para orientação de alunos na pós-graduação. Durante mais de um ano sofri assédio moral por parte do meu orientador, chegando ao ponto de sofrer ameaças de desligamento do programa mesmo estando oficialmente sobre outra orientação. Tive que recorrer a um advogado para me auxiliar em como proceder nesse caso. Cheguei a desenvolver síndrome do pânico.

De forma geral, acho o meu PPG desorganizado, percebo que algumas regras são aplicadas a uns de um jeito, e a outros de outro. Alunos que trabalham e ainda recebem bolsa. Cronogramas que se “atropelam” [...]

[...] Muitos alunos preferem continuar com dúvidas ao invés de contatar o nosso PPG por causa do constante mau humor e falta de educação da secretaria, e desinteresse de alguns professores [...]

Falta de transparência, secretaria desorganizada, impossibilidade de troca de orientador após 24 meses.

A figura 12 aponta que a maioria dos respondentes apontou que nunca ou raramente enfrenta problemas relacionados a colegas de aula ou de pesquisa.

Em consideração aos demais casos, onde é relatada a ocorrência de alguma espécie de problema (ou problemas), Coimbra e Nascimento (2007, p.8) dá sua contribuição, dissertando sobre competição de recursos financeiros oriundos de agências de fomento, fator possivelmente contributivo para algum prejuízo de relacionamento entre colegas de pesquisa:

[...] os vários centros, institutos e departamentos se degladiam ferozmente entre si pelas verbas repassadas em migalhas e vindas como esmolas. As equipes, os professores e alunos competem uns com os outros pelos cada vez mais escassos financiamentos.

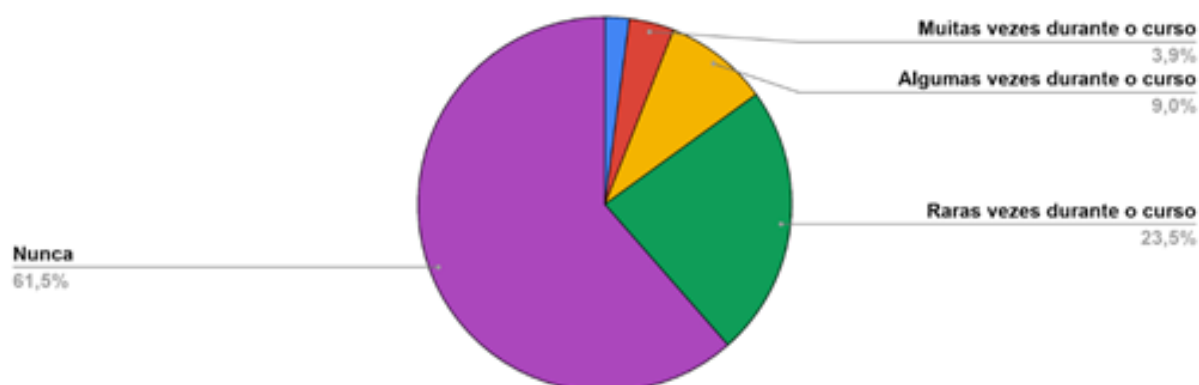
Na questão opcional, alguns estudantes relataram situações específicas com relação à interação entre colegas (mas não somente colegas discentes) na universidade:

[...] Na minha opinião, falta profissionalismo por parte dos professores, dos alunos e dos técnico-administrativos. Falta a Universidade ser organizada como uma empresa, com organograma e regras claras de convivência [...].

Não existe um movimento em tornar as relações mais humanas, nem entre colegas, nem entre professores. É frio e antipático [...].

Falta interação entre pesquisadores, é cada um no seu quadrado. O ambiente é muito sisudo e restrito.

Figura 12 – Tive problemas no meu PPG que envolveram questões com colegas de aula/pesquisa.



Fonte: Autora (2019)

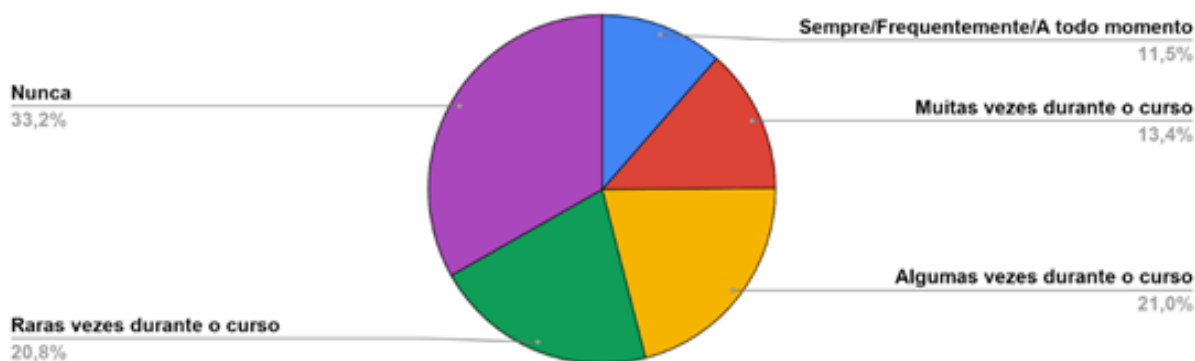
5.8 Incentivo específico à pesquisa

Com resultados mais equilibrados, esse tópico apresenta relativo equilíbrio entre os respondentes, no tocante a problemas de fomento.

A escassez de verba para custeio de inscrições em eventos, passagens aéreas, materiais de apoio à pesquisa e até bolsas de pós-graduação podem ser sentidas gradualmente na universidade com o congelamento de verbas de fomento. Tal fato pode trazer insegurança à comunidade acadêmica, pela ausência de perenidade de investimentos por parte do Estado, enquanto este ainda é o principal financiador.

Este foi um tema largamente abordado na resposta opcional, como segue:

Figura 13 – Tive problemas no meu PPG por falta de estrutura de fomento à pesquisa (auxílio para eventos, traduções, projetos em geral).



Fonte: Autora (2019)

A burocracia do sistema de gestão de projetos da UFRGS. Muitas vezes obtemos os recursos e temos dificuldade em usá-los em nossas pesquisas pelos entraves impostos pela Universidade [...].

Do meu ponto de vista, um dos maiores desafios refere-se ao reduzido número de bolsas para mestrandos, em conjunto aos escassos projetos de pesquisas remunerados em andamento atualmente.

Falta de verba para desenvolver tudo o que planeja na tese, falta de entrosamento entre diferentes laboratórios para dividir estruturas físicas como aparelhos específicos que não possuem em todos os laboratórios que facilitariam o andamento do trabalho.

[...] Os maiores problemas estão em coisas que não dependem da vontade local – bolsas, cujos valores são muito baixos, e financiamento para as atividades – as taxas de bancada têm valores ridiculamente baixos, por exemplo, e os sucessivos cortes do orçamento para a ciência dos últimos anos já afetaram negativamente a minha área de pesquisa.

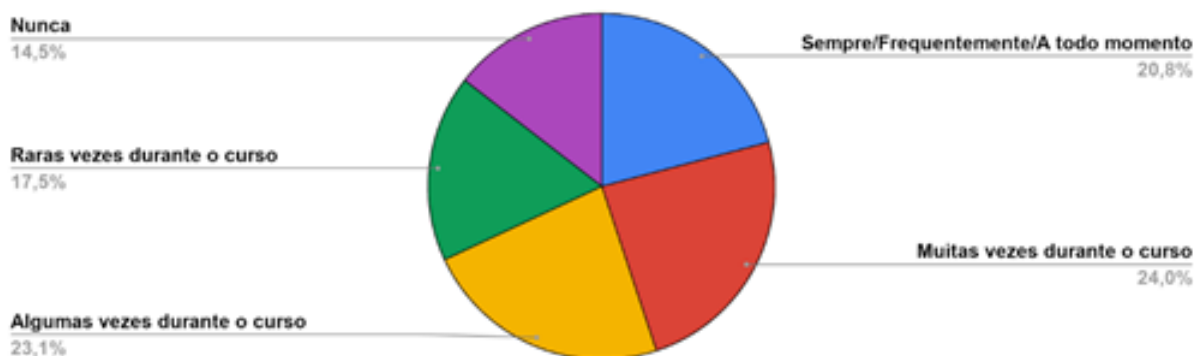
[...] Falta de apoio financeiro para custear serviços relacionados ao trabalho, como traduções, impressão de materiais, apoio financeiro para a participação em eventos acadêmicos e para a realização de coleta de dados [...].

5.9 Questões relacionadas à saúde

Com resultados relevantes, em sua maioria, os pós-graduandos responderam que vivenciaram episódios de problemas de saúde mental, alguns de forma mais rara, outros de forma mais frequente.

A deterioração da saúde como consequência ainda que indireta da condução da vida acadêmica é abordada em pesquisa anterior realizada por membros da ANPG (Associação Nacional de Pós-Graduandos), na época, conduzidos por dois alunos do stricto sensu dentro da UFRGS.

Figura 14 – Tive problemas relacionados à minha saúde psíquica (sintomas de stress, pânico, ansiedade e/ou depressão).



Fonte: Autora (2019)

Junta (2017, p.1), aponta o resultado desta pesquisa, realizada entre alunos do lato sensu e stricto sensu:

Em todas as alternativas, mestrandos e doutorandos apresentaram uma frequência maior de problemas. Os mestrandos e doutorandos da UFRGS em 2013 estavam aproximadamente três vezes menos sociáveis, duas vezes mais irritados, uma vez e meia com mais problemas de apetite e menos motivados, e quase uma vez mais com problemas para dormir do que os estudantes dos cursos lato sensu, de acordo com as respostas.

A mesma autora Junta (2017, p.1) ainda considera, como sendo uma das possíveis fontes causadoras de problemas de saúde mental, a própria metodologia de avaliação dos PPGs da CAPES:

Ela incentiva um ritmo de produção acadêmica desmesurada. Os programas são avaliados levando-se em conta fatores como número de publicações e tempo de titulação dos discentes. A regra básica, que todo estudante de pós-graduação sabe por experiência própria, é: quanto mais publicações, quanto mais participação em eventos, quanto menor tempo de titulação, melhor a nota do programa e sua própria posição pessoal dentro do sistema de avaliação de seu programa. E, conseqüentemente, mais recursos para as pesquisas e reputação entre os seus pares.

A pesquisa conduzida por Costa e Nebel (2018, p.215) aponta que os transtornos mentais na academia brasileira constituem situação recorrente, não sendo este, portanto, um fator isolado somente na instituição em análise:

[...] a grande maioria dos respondentes (74%) sofre com ansiedade. Outros 31% sofrem com insônia, ao passo que 25% e 24% com depressão e crise nervosa, respectivamente. Esses dados estão muito acima da média geral da população brasileira. Segundo dados da OMS, 5,8% dos

brasileiros têm depressão e 9,3% ansiedade. Dentre os pós-graduandos que afirmaram sofrer com algum transtorno psíquico, 27% fazem tratamento com medicação, sendo que 7% deles sem prescrição médica.

As respostas discursivas trouxeram à tona esta sensível questão:

Acredito que há desafios mentais (psicológicos: ansiedade, etc) em ser pós-graduando, em função da pressão por resultados e pelo andamento do trabalho. Mas não que seja uma questão exclusiva da UFRGS. Acredito que seja uma questão de qualquer pós-graduação [...].

O maior problema dos pós-graduandos é a saúde mental, desvalorização e pressão dos orientadores/ do PPG.

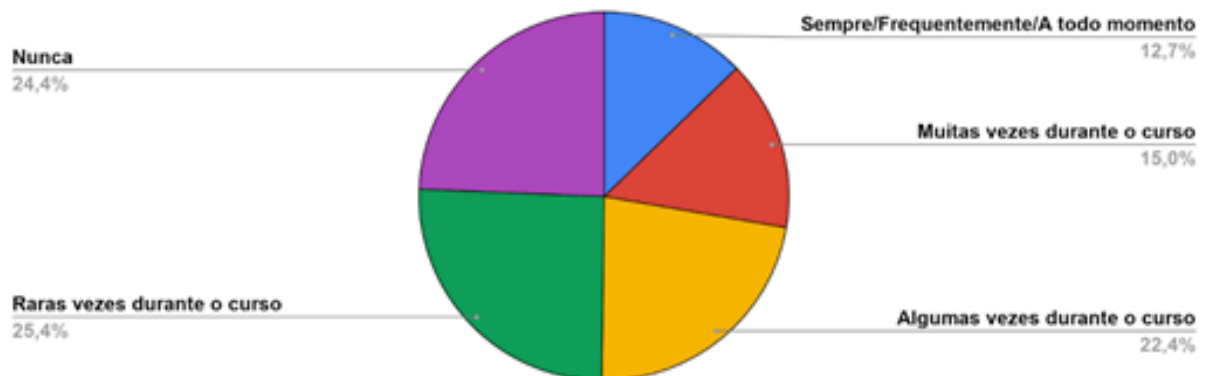
[...] Sempre que saio, eu fico pensando que deveria estar fazendo minha pesquisa, tenho tido problemas de insônia frequente e não consigo produzir muito bem durante o dia, mas segue o baile, não deveria ser assim [...].

Falta de apoio emocional e momentos de confraternização entre laboratórios [...].

O maior desafio é conciliar todos os aspectos da vida com a pesquisa. Somos imensamente cobrados por resultados e produção científica, porém não somos questionados em nenhum momento quanto a nossa saúde mental.

Na minha opinião, o maior desafio é manter a saúde mental na pós-graduação, não apenas pela questão dos prazos e pelas responsabilidades que assumimos durante essa jornada, mas também pelo fator de sermos desvalorizados pela sociedade, e por caminharmos sozinhos em vários momentos da pesquisa.

Figura 15 – Tive problemas relacionados à minha saúde física em geral.



Fonte: Autora (2019)

Com opiniões divididas, os respondentes da pesquisa mostram que a pós-graduação pode interferir ou não em sua saúde física. Por desenvolverem uma rotina de trabalho mais sedentária (com grandes períodos de inatividade física), o sedentarismo pode ocorrer ou não na academia, dependendo assim de fatores pessoais de cada aluno a não ceder a este fato.

Sabe-se, assim, que o sedentarismo é decorrente das modernizações da sociedade, tornando o processo laboral mais pacato, influenciando na saúde física das pessoas. Pelegrini e Petroski (2009, p.367) afirmam que:

Com o processo de industrialização, houve elevação do número de pessoas inativas fisicamente em todas as idades, apesar de o conhecimento a respeito dos benefícios da atividade física à saúde estar bem estabelecido. Níveis insuficientes de atividade física têm sido frequentemente associados a doenças coronarianas, obesidade, diabetes melito, osteoporose e algumas formas de câncer.

Em um estudo realizado com estudantes universitários gaúchos, disponibilizado no artigo "Nível de sedentarismo entre estudantes universitários do Rio Grande do Sul e os possíveis fatores associados", Lansini et al. (2017, p.272) demonstram a realidade presente no âmbito de saúde física dos discentes, no decorrer da vida acadêmica:

Ao observar o tempo em que os alunos estão na instituição, ficou evidente que os discentes com mais de dois anos de estudo possuem um maior nível de sedentarismo. Em outro estudo com universitários houve uma tendência de diminuição da prática de atividades físicas com o passar do tempo frequentando a instituição, sendo que os autores acreditam que o motivo para esta redução pode estar relacionada ao aumento contínuo de trabalhos acadêmicos e exigências de prazos de entrega dos mesmos.

Respostas discursivas complementam esta análise, relacionando-as inclusive a outros aspectos:

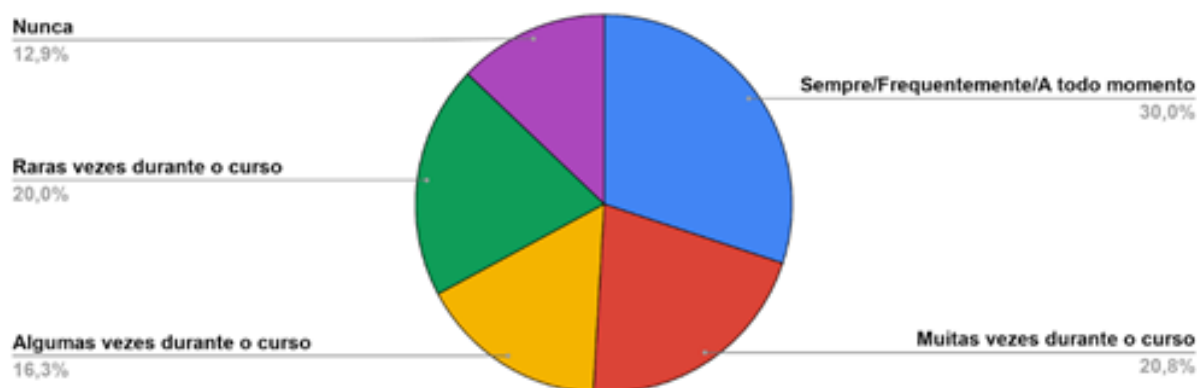
Os maiores desafios são a saúde mental e física e o fomento à pesquisa. Mental devido às exigências existentes para a permanência no curso que obrigam o estudante a abdicar do lazer e do bem-estar e, conseqüentemente, acarreta no descuido de sua saúde física.

Os maiores desafios enfrentados como pós-graduanda na UFRGS derivam da falta de perspectivas de emprego após a conclusão das pesquisas, pouco suporte à saúde mental e física dos estudantes e muitas vezes disputas entre professores que refletem na formação dos alunos [...].

A figura 16 apresenta que, ao menos na percepção dos estudantes, na maior parte do tempo, os PPGs não demonstram preocupação explícita com questões de saúde mental dos discentes, percepção esta que a literatura também reforça no contexto de outros PPGs no Brasil.

No artigo de Louzada e Filho (2005, p.459), realizou-se uma pesquisa em um PPG de área biomédica em uma universidade federal brasileira. Verificou-se a falta de políticas públicas e de preocupação com o quadro discente neste PPG, que funciona de maneira semelhante a de outros PPGs do país:

Figura 16 – Sinto que o meu PPG não se preocupa/não está atento a questões de saúde mental dos pós-graduandos.



Fonte: Autora (2019)

[...] e faz mister reconhecer que todos programas de pós-graduação do país - no momento atual - são levados a funcionar em padrão semelhante. Talvez se possam considerar esses dados como indicadores de uma determinada forma de fazer ciência e de formar pesquisadores, com consequências bastante complexas e singulares para os pós-graduandos [...]. A necessidade de uma escuta mais cuidadosa desse tipo de fenômeno (sofrimento), nem sempre assumido, conforme também apontado em Pourmir (1998) e a urgência de políticas, ao menos nos campos da educação e da C&T, que abram, nas instituições universitárias e de pesquisa, espaços de produção compatíveis com as especificidades dessa atividade e que abarquem não apenas os resultados, mas principalmente as singularidades existentes no processo de trabalho científico.

Figuram alguns depoimentos referentes à atuação dos PPGs da UFRGS no que tange à saúde mental dos discentes:

[...] O meu PPG, e percebo que outros também, não se preocupa com a vida das pessoas, mas com o quanto elas são capazes de produzir. Existe um distanciamento grande entre as pessoas.

[...] O meu tema de pesquisa é bastante delicado e complexo, somado ao prazo apertado de um mestrado, me produziu intenso sofrimento mental. Por sorte, tenho uma família que compreende a pressão psicológica do mestrado e tenho condições financeiras para recorrer, por conta própria, a acompanhamento de saúde mental e física - o que fiz e que foram essenciais para eu conseguir terminar a dissertação! Mas sei que outros colegas não têm o privilégio que tive e podem estar sofrendo sem ter a ajuda adequada, o que leva ao risco de a instituição perder bons pesquisadores / docentes em formação, além dos danos individuais na saúde dessas pessoas [...].

Entender que pós-graduandos são pessoas, pois nos fazem cobranças como se fossemos máquinas e esquecem da nossa vida pessoal. Maior respeito pelo tempo dos pós-graduandos e auxílios psicológicos e trabalhistas seriam fundamentais para melhorar nossa qualidade de vida.

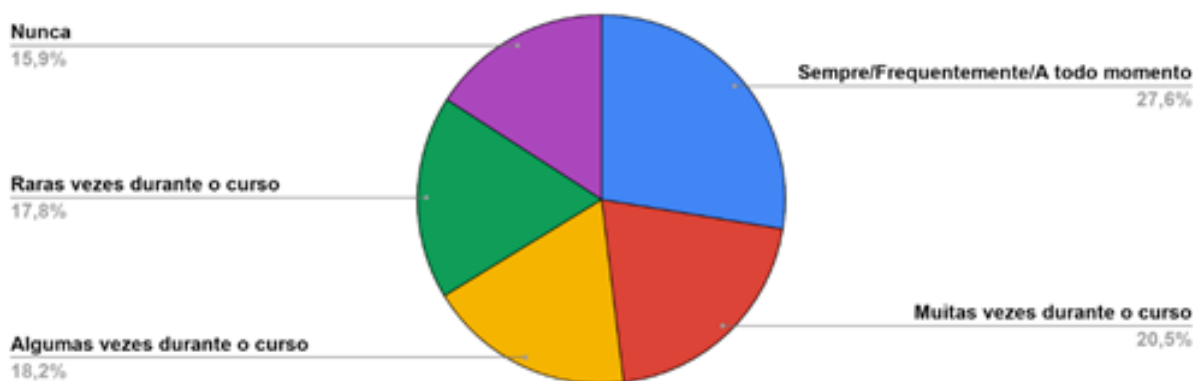
A figura 17 apresenta que parte dos respondentes, na sua percepção na maior parte do tempo, os PPGs não conferem assistência adequada à saúde física dos pós-graduandos.

Os relatos corroboram tal percepção:

Sou de Exatas, os maiores desafios enfrentados por mim durante o PPG, são: exigência de boas notas, produção de artigos e pressão psicológica das provas, acabando com a vida social e noites sem dormir, bem como problemas de saúde [...].

Os maiores desafios enfrentados como pós-graduanda na UFRGS derivam da falta de perspectivas de emprego após a conclusão das pesquisas, pouco suporte à saúde mental e física dos estudantes e muitas vezes disputas entre professores que refletem na formação dos alunos [...].

Figura 17 – Sinto que o meu PPG não se preocupa/não está atento a questões de saúde física dos pós-graduandos.



Fonte: Autora (2019)

5.10 Percepção geral sobre o atendimento a demandas

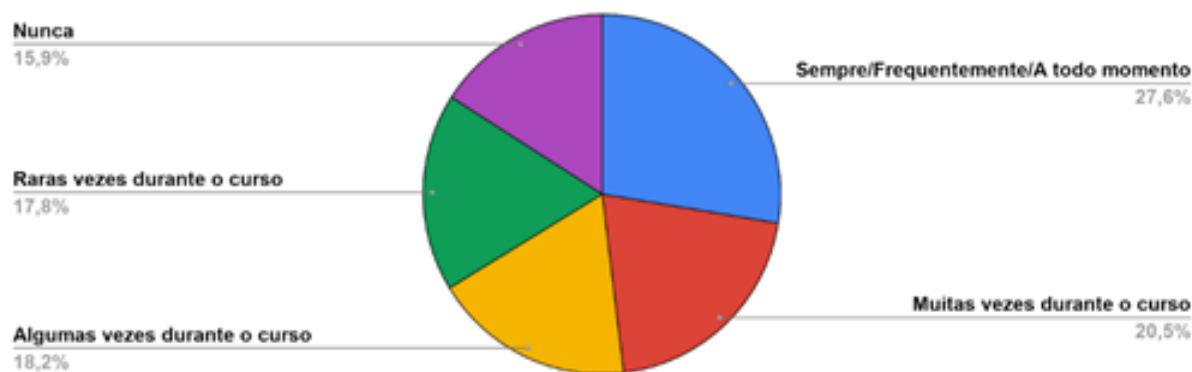
Parte dos pós-graduandos percebem que suas demandas e de seus colegas, aparentemente, não são contempladas por ações do PPG e da Universidade.

Foram relatados alguns desafios vivenciados pelos alunos, quanto à falta de apoio a estes por parte dos PPGs e da UFRGS:

Além de burocracias infinitas e demasiadas para tudo e principalmente para a entrega de trabalhos finais que findam tempos nas mãos da pós-graduação, tem que terminar antes do previsto por eles para concorrer a concursos e também da dificuldade da hierarquia de datas e comunicações com docentes que não cooperam com o pesquisador. Ou seja: burocracia, hierarquia dos funcionários e docentes, organização curricular da pós brasileira que não valoriza a pesquisa nem no currículo nem fora da instituição.

[...] Estou terminando meu primeiro ano de doutorado. Não integro nenhum grupo de estudo e/ou pesquisa, pois são fechados, exclusivos de orientados dos coordenadores e não visam a ampliação dos estudos. Tentei duas interações em outros PPGs e desisti. Isto poderá afetar a empregabilidade futura se eu não mobilizar minha rede por iniciativa própria e fora da UFRGS.

Figura 18 – Sinto que as demandas em geral, minhas e de meus colegas não são contempladas por ações do PPG e da Universidade.



Fonte: Autora (2019)

A estrutura burocrática existente nos PPGs e universidades é uma realidade de todas as universidades federais no país. Vieira e Vieira (2004, p.182), em seu artigo "Funcionalidades burocrática nas universidades federais: conflito em tempos de mudanças", relatam o engessamento de processos, rotinas e burocracias na realidade destas instituições:

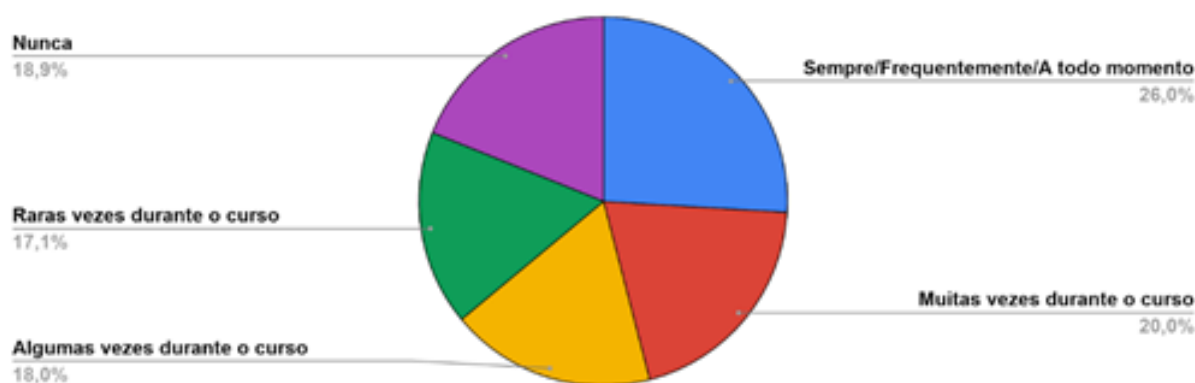
[...] as universidades federais brasileiras primam por estruturas organizacionais extremamente burocráticas tanto no campo administrativo como no campo acadêmico. Administrativamente, é crescente o processo de alargamento da faixa de atividades meio, com desdobramento de funções, hierarquização excessiva na movimentação das demandas de serviços e dos processos decisórios. Na área acadêmica a multiplicidade estrutural estabelece uma ampla nomenclatura de órgãos – faculdades, institutos, centros, departamentos, escolas, colégios, decanatos, núcleos e comissões – quase sempre repetindo funções, conflitando decisões e ampliando a burocratização no interior da atividade fim.

5.11 Percepções e perspectivas quanto a si mesmo na vida acadêmica

Uma parte dos respondentes apresentou relativa predominância de um sentimento de desvalorização como pesquisador dentro da instituição e perante a própria sociedade.

Dall’Alba (2015, p.18) aponta alguns fatores que podem desencadear tal sentimento:

Figura 19 – Me sinto desvalorizado(a) como pesquisador(a).



Fonte: Autora (2019)

Porém essa ciência dominante enfrenta uma crise ética fruto de sua apropriação pelo capitalismo globalizado vigente. Nesse contexto as descobertas científicas se diluem em burocracias institucionais virtuais, gerando, não raro, distorção de resultados, além de desvalorização dos cientistas pesquisadores e professores que estão geralmente na origem das descobertas.

A seguir, são relatadas situações relacionadas a este sentimento de desvalorização:

A desvalorização da pesquisa científica nacional em conjunto com a turbulência política vivida pelas fontes de fomento à pesquisa.

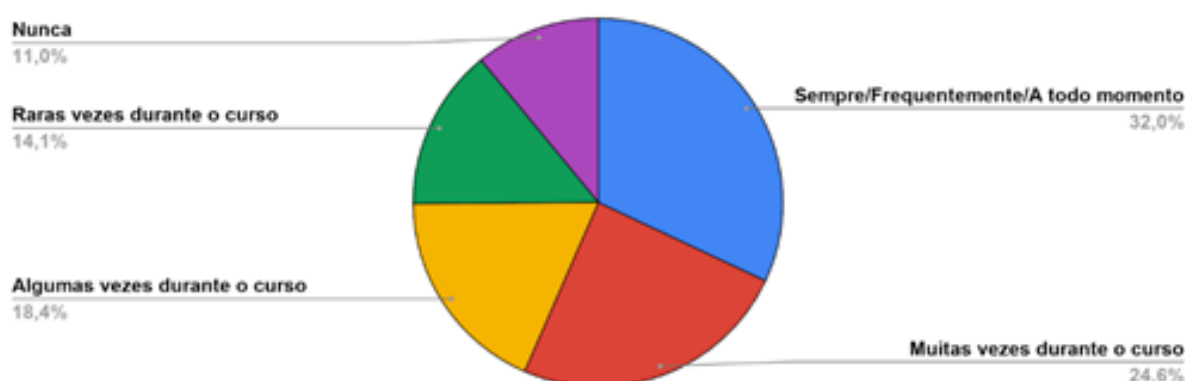
No início do mestrado eu trabalhava de carteira assinada e não deixaram eu acumular a bolsa, mesmo cumprindo os requisitos da CAPES que autoriza o acúmulo de bolsa. O PPG informou que tem autonomia para decidir que aluno de mestrado não pode acumular bolsa. 9 meses depois fui demitida. Estou sem bolsa e o PPG alega não ter bolsa para me contemplar, somente se houver desistência. A própria academia não valoriza um aluno que quer voltar para academia, porque quer ser pesquisador e desenvolver uma pesquisa [...].

[...] Em suma, não há valorização do pesquisador. Estes "alunos", na verdade, cumprem papel de professores para alunos de graduação, pesquisadores para a universidade referente à sua pesquisa, e mão-de-obra em projetos de pesquisa junto a companhias. Mas ainda assim são vistos com condescendência pela sociedade como um todo, como um "bando de deitados" mamando nas "tetãs" do governo.

A resposta dada pela maioria de seus respondentes, apresentado na figura 20, pressupõe a permanência de pensamentos pouco construtivos ou receosos sobre seu próprio futuro como pesquisadores.

Em uma contribuição ao blog intitulado "Pós-Graduando", Herculano-Houzel (2012, p.1) elenca alguns desafios acerca do futuro pós-academia:

Figura 20 – Eu tive/tenho tido pensamentos negativos sobre meu futuro como pesquisador(a).



Fonte: Autora (2019)

[...] é mais provável, no entanto, que você NÃO consiga emprego imediatamente, uma vez doutor, e tenha que ingressar no limbo dos pós-doutorandos? Um “pós-doutor” é exatamente isso que o nome indica: alguém que já é doutor, mas ainda não tem emprego. É um limbo criado pelo sistema para manter interessados os cada vez mais numerosos recém-doutores que não encontram emprego nem como pesquisadores, nem como professores. Pela mesma tabela do CNPq, um recém-doutor recebe uma bolsa de R\$ 3.700 mensais, livres de impostos. Ou seja: lembra daquele salário inicial dos seus colegas recém-formados? Um aspirante a cientista finalmente conquista o direito a um valor semelhante... SETE anos após a graduação. Ah, claro: ainda sem qualquer direito trabalhista, pois você “não trabalha”. Permita-me fazer as contas para você: a esta altura, você está perto de completar 30 anos de idade, e oficialmente... “nunca trabalhou”; A esta altura, você já será para todos os fins práticos um Cientista – mas ainda não terá direito de pedir auxílio às agências de fomento para fazer pesquisa? Para gerenciar um auxílio-pesquisa é preciso ter vínculo empregatício com uma instituição de pesquisa – e isso, tirando os pouquíssimos cargos de Pesquisador de fato na Fiocruz, INCA, IMPA etc, você só consegue se virar... professor universitário [...].

Esse possível receio em relação ao futuro manifestou-se também em algumas respostas abertas:

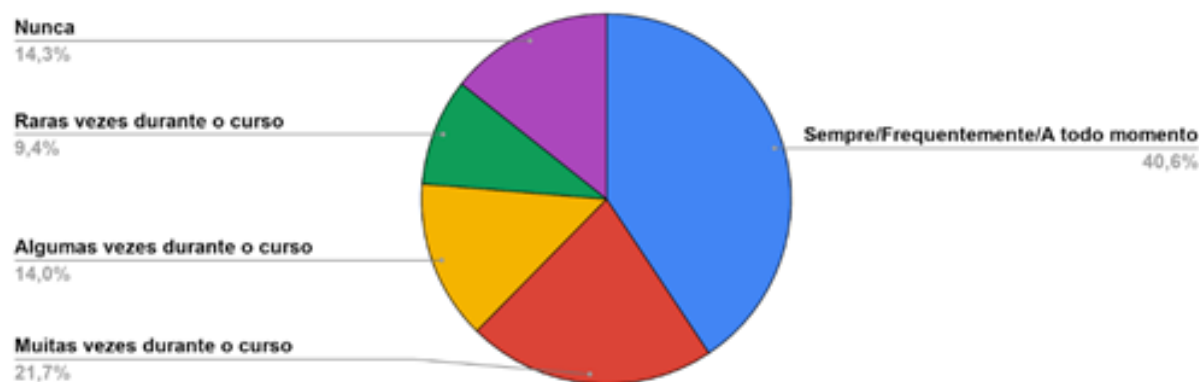
[...] Como pós-graduando, o maior empecilho que enfrentei foi de manter a motivação para realizar os trabalhos do dia-a-dia, em frente a falta de estrutura para possibilitar o trabalho, falta de perspectiva do que fazer após a vida acadêmica, ao estresse por não ter ajuda para se preparar para as etapas subsequentes da própria vida acadêmica, a monotonia de um trabalho quase mecânico que tem seus dias contatos, por estar atrelado a uma bolsa, entre outros fatores.

A falta de perspectivas futuras de emprego. Sugiro uma atenção muito maior à saúde mental dos alunos e incentivaria relações mais francas e saudáveis entre orientador e aluno. Mais incentivo à integração dos alunos fora de um contexto acadêmico talvez fortaleça o sentimento de

pertencimento aos espaços da pós-graduação assim como uma valorização de cada futuro pesquisador.

Acredito que a maioria dos estudantes se estressa por pensar na dificuldade que será conseguir um emprego na sua área de atuação. Não vejo a UFRGS se preocupando com o nível de empregabilidade de seus graduados.

Figura 21 – Eu tive/tenho tido pensamentos negativos quanto à minha empregabilidade ao terminar a pós-graduação.



Fonte: Autora (2019)

Assim como na questão anterior (acerca do futuro como pesquisador), as respostas aqui apresentadas evidenciam que a maioria dos respondentes apresentam insegurança com relação à empregabilidade pós-academia.

A mesma autora destacada no item anterior, Herculano-Houzel (2012, p.1), aponta desafios na empregabilidade após a pós-graduação, caso opte-se por seguir a carreira de docência:

[...] SE você conseguir ser aprovado em concurso para professor universitário E for fazer pesquisa de fato, você não inicialmente ganhará NEM UM CENTAVO A MAIS por isso? Você terá a mesma carga horária de aulas a cumprir, aulas por preparar e atualizar todos os semestres, mas o trabalho de pesquisa, com o qual você tanto sonhou, é... por sua conta. Se você resolver não fazer pesquisa e apenas der aulas, como você foi oficialmente contratado para fazer, está tudo bem. Talvez seus colegas torçam o nariz para você, porque esqueceram que também o emprego deles é apenas como professores, e não pesquisadores, mas você estará rigorosamente correto se só fizer seu trabalho de professor; apesar disso tudo, sua progressão na carreira universitária será dependente do seu trabalho de pesquisa? Você leu corretamente: você foi contratado como PROFESSOR, mas sua avaliação funcional será feita de acordo com as suas atividades como PESQUISADOR... SE você tiver produtividade suficiente, em alguns anos você poderá concorrer a uma bolsa de Pesquisador do CNPq, que complementa seu salário em R\$ 1.000 por mês. E isso é todo o incentivo financeiro que você receberá para fazer pesquisa.

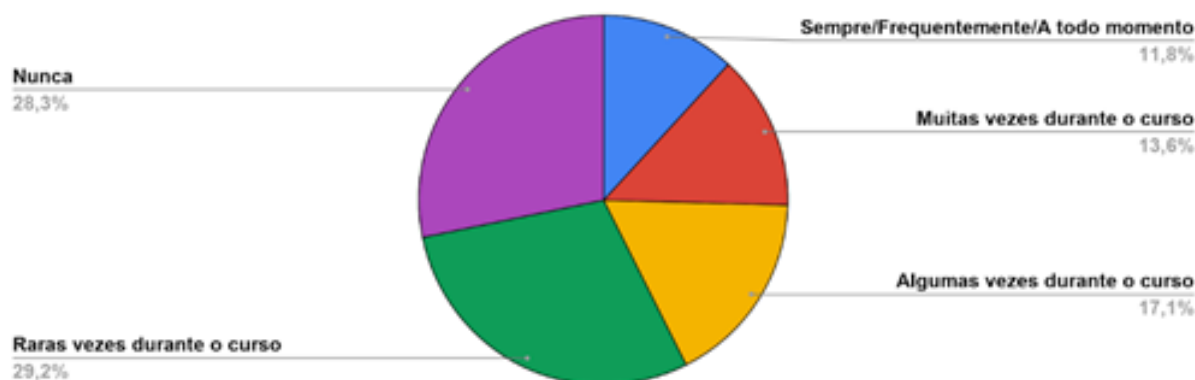
Respostas discursivas também abordaram o sentimento de insegurança acerca do futuro emprego após a vida acadêmica:

O maior problema é quando nos dedicamos ao projeto e não conseguimos os resultados esperados. Isso muitas vezes devido a problemas que podem acontecer e a imprevistos durante a execução da pesquisa, e o orientador e/ou o PPG nos culpa e nos rotula de incompetentes por causa disso. A maior preocupação de produzir e fazer o projeto dar certo é do estudante, porque somos nós que não temos emprego e nem estabilidade financeira. O maior medo e receio de fracassar é nosso, uma vez que o nosso futuro depende de um currículo forte.

[...] o maior empecilho que enfrentei foi de manter a motivação para realizar os trabalhos do dia-a-dia, em frente a falta de estrutura para possibilitar o trabalho, falta de perspectiva do que fazer após a vida acadêmica, ao estresse por não ter ajuda para se preparar para as etapas subsequentes da própria vida acadêmica [...].

[...] Vivemos em um país onde ciência se faz por amor e com pouquíssima perspectiva de emprego após o término do ciclo. Vemos um sem fim de doutores e pós-docs que ao fim de suas bolsas ficam sem ter a que recorrer. Aprendemos a ser bons em uma única coisa: estudar [...].

Figura 22 – Me senti/me sinto desamparado(a) pelo PPG.



Fonte: Autora (2019)

As respostas sugerem certo equilíbrio de percepções com relação ao amparo despendido pelos PPGs aos alunos de pós-graduação.

MORAES (2017, p.3) destaca em seu artigo “Estudantes de Mestrado e Doutorado relatam suas dores na pós-graduação” alguns depoimentos colhidos no artigo “Suicídio levanta questões de saúde mental na pós”, publicado na Folha de São Paulo. Diversos alunos de PG deixaram seu depoimento acerca do desamparo dos PPGs para com os pós-graduandos, como este:

[...] Escrevi tudo sozinha, sem direcionamento, até a sua volta, quando precisei virar noites para terminar a tempo. Acordei diversas vezes sem

querer acordar. Levantar da cama e encarar o dia era um desafio que eu não conseguia enfrentar sem derramar lágrimas. Fiz terapia durante quase todo o processo, mas precisei parar no final, pois a minha bolsa terminou; o programa de pós nunca ofereceu auxílio psicológico.

O mesmo autor destaca ainda depoimentos de assédio sexual, não penalizados pelos PPGs, como este:

Nunca consegui terminar o doutorado. Estava prestes a qualificar exame crucial que precede a defesa da tese] quando o meu orientador simplesmente me agarrou no laboratório. Denunciei o assédio, mas nunca deu em nada. Eu fui a quinta aluna atacada por ele. Nunca houve punição por parte do programa de pós ou da universidade. Tive que trocar de orientador, e então, para me atrapalhar, ele me excluiu do sistema antes que eu pudesse concluir a transferência (MORAES, 2017, p.4).

Alguns depoimentos apontam possível descaso por parte destas entidades:

No PPG em [...] são evidentes os favorecimentos a alguns alunos em detrimento de outros. O acesso à informação é difícil para quem não faz parte do "círculo de amizade" com professores influentes[...].

[...] A violência em sala de aula com aulas que constroem os alunos, e por mais que isto ocorra, não há nenhuma ação por parte da direção em coibir tais práticas, como se fosse algo "normal", o que definitivamente não é [...].

[...] Outro desafio importante é a falta de amparo por parte das secretarias e da universidade. É comum ouvir de alunos que se sentem sozinhos pois precisam enfrentar problemas burocráticos e não tem a quem recorrer pois a secretaria não sabe como resolver essas questões e ninguém consegue (ou quer) ajudar.

Apresentou-se respostas bastante variadas na questão abaixo (figura 23), oscilando da percepção de desamparo total à de total atendimento das necessidades dos alunos por parte da universidade em análise.

Embora haja certo equilíbrio nesta questão, é importante destacar que o cenário de desamparo no tocante à saúde mental é existente - não somente na UFRGS - mas em diversas universidades federais brasileiras. Conforme entrevista concedida por Pâmella da Silva Beggiora ao site da ANPG, demonstra-se a necessidade de diálogo, por exemplo, de saúde mental nas instituições de ensino.

Nós da APG do Campus USP RP reconhecemos a necessidade de criar um atendimento para os pós-graduandos. Isso ficou evidente depois de dois casos de suicídio - um em São Paulo e outro aqui dentro da Universidade. A partir disso, fizemos uma mesa-redonda para discutir o que pode ser feito e os sinais de depressão. Com isso, começamos a mapear as demandas psicológicas dentro do Campus e conseguimos uma ótima visibilidade dentro da própria USP (FERNANDES, 2018, p.1).

Figura 23 – Me senti/me sinto desamparado(a) pela Universidade.



Fonte: Autora (2019)

Foram relatadas ausências de atendimento a determinadas demandas:

[...] Faltam líderes, trabalho em grupo, inteligência emocional, empatia, conduta ética no ambiente de trabalho e etc. O profissional do futuro não será moldado em um sistema de 20-50 anos atrás. A universidade tem que se inovar.

Recentemente tive que lidar com solicitações excessivamente restritivas do da Plataforma Brasil e do Comitê de ética da universidade, para aprovação de meu projeto de pesquisa. As exigências foram extremamente descabidas para a proposta de pesquisa a que me propunha [...].

Acredito que a maioria dos estudantes se estressa por pensar na dificuldade que será conseguir um emprego na sua área de atuação. Não vejo a UFRGS se preocupando com o nível de empregabilidade de seus graduados.

Figura 24 – Me senti/me sinto sobrecarregado(a) de responsabilidades.



Fonte: Autora (2019)

Nesta questão, demonstrou-se que a uma parte dos respondentes apresentam frequentemente a sobrecarga de responsabilidades, tanto da pós-graduação, tanto da vida pessoal ou profissional.

No artigo de Altoé, Fragalli e Espejo (2014, p.230), denominado “A dor do crescimento: um estudo sobre o nível de estresse em pós-graduandos de contabilidade”, salienta a realidade de sobrecarregamento de tarefas na pós-graduação:

Dentre os respondentes com algum grau de estresse, observou-se que em todas as fases os mestrandos apresentaram índices mais elevados que os doutorandos. Uma provável explicação para esta constatação refere-se ao processo adaptativo. A mudança de rotina da graduação para o mestrado é bem mais intensa do que do mestrado para o doutorado, pois o último possui características semelhantes ao primeiro. Verificou-se também que as mulheres demonstraram-se mais estressadas do que os homens em todas as fases. Possatti e Dias (2002) atribuem o alto nível de estresse das mulheres à multiplicidade de papéis por elas desempenhada como estudo, trabalho, casa, filhos, entre outras responsabilidades. Além disso, os achados do estudo demonstraram que as mulheres praticam menos atividades físicas quando comparadas aos homens, o que pode justificar maiores níveis de estresse. Dentre os estágios do curso de pós-graduação: cursando disciplinas; desenvolvendo a dissertação; fase de qualificação; e, fase de defesa, constatou-se maior incidência de estresse na fase de qualificação, possivelmente em função dos prazos estabelecidos e das inúmeras tarefas a serem realizadas neste período.

Obteve-se algumas respostas discursivas referentes a este tópico:

[...] Além das inúmeras responsabilidades atribuídas aos pós-graduandos temos ainda o fator distância, já que muitos precisam mudar de estado para conseguir seguir na área de pesquisa desejada, sendo mais um ponto crítico durante o processo [...].

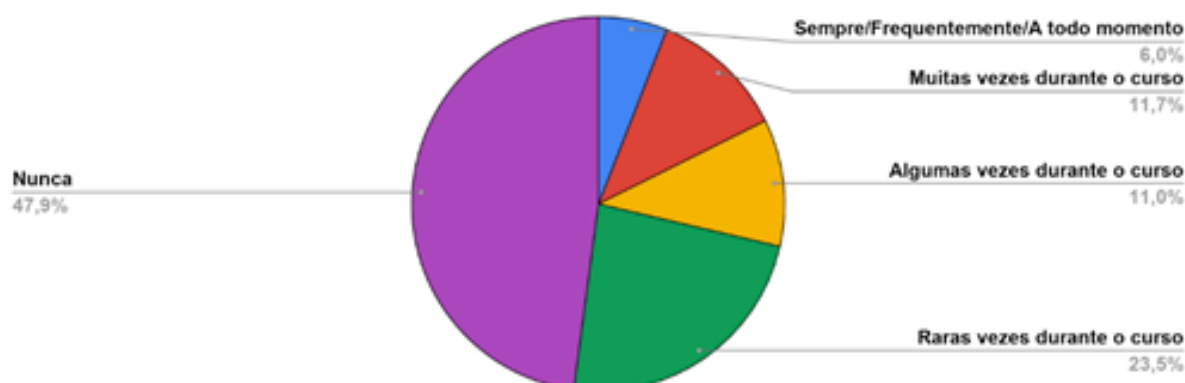
Conciliar todas as responsabilidades que tenho: trabalho, estudo, cuidar da família e da casa. Estou cheia de compromissos e me sinto muito sozinha com toda essa carga... [...].

Além da capacidade intelectual e acadêmica dos professores do PPG, acho que seria muito importante avaliar a saúde mental/transtornos de personalidade/educação antes de colocá-los num lugar de tamanha responsabilidade.

5.12 Percepção quanto ao papel das relações interpessoais fora da academia

A grande maioria dos respondentes nunca ou raramente apresentam problemas no que tange à compreensão (e respectivo apoio) por parte da família quanto à vivência da pós-graduação, ou, ao menos, parte-se da inferência de que não se trata de problemas graves, demonstrando não haver relação claramente possível e direta entre a pós-graduação e estas situações, que podem envolver outros fatores.

Figura 25 – Percebi/percebo que minha família não me apoia nem me compreende na pós-graduação.



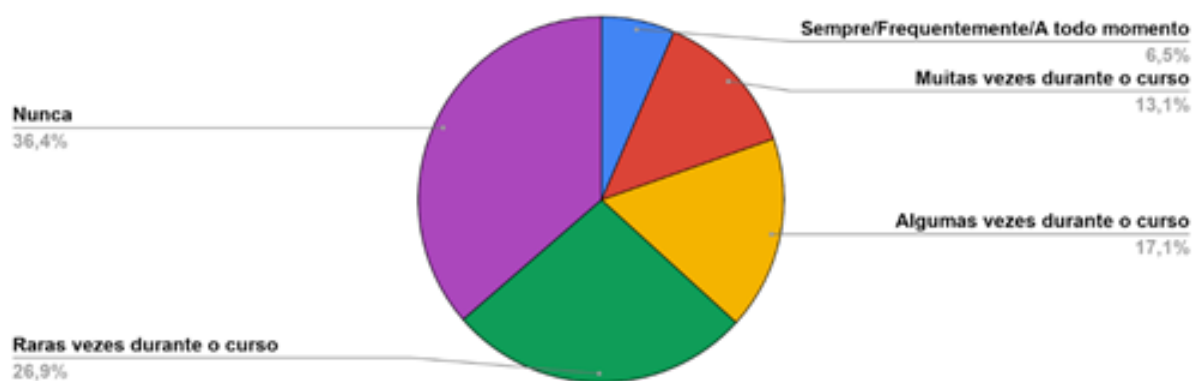
Fonte: Autora (2019)

Não houve respostas abertas abordando este item no questionário aplicado.

Assim como na questão anterior, a grande maioria dos respondentes (figura 27) nunca ou raramente apresentam desafios no que tange ao apoio de amizades externas à pós-graduação (figura 26), ou, ao menos, parte-se da inferência de que não se trata de problemas graves, demonstrando não haver relação claramente possível e direta entre a pós-graduação e estas situações, que podem envolver outros fatores.

Não houve respostas abertas abordando este item no questionário aplicado.

Figura 26 – Percebi/percebo que meus amigos fora da academia não me apoiam/não me compreendem na pós-graduação.



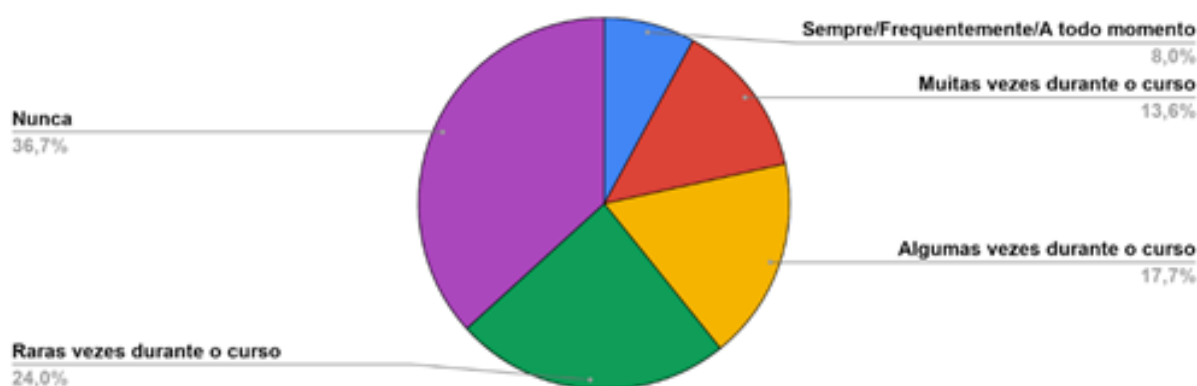
Fonte: Autora (2019)

Assim como as duas questões anteriores, a maioria dos respondentes relatou nunca apresentar ou apresentar problemas familiares ou de relacionamento no percurso da pós-graduação, ou, ao menos, parte-se da inferência de que não se trata de problemas

graves, demonstrando não haver relação claramente possível e direta entre a pós-graduação e estas situações, que podem envolver outros fatores.

Não houve respostas abertas abordando este item no questionário aplicado.

Figura 27 – Tive/tenho problemas familiares e/ou de relacionamentos durante a pós-graduação.



Fonte: Autora (2019)

5.13 Desafios e oportunidades de melhoria

A abordagem dada pelos respondentes, através de resposta discursiva, pode ser apresentada sucintamente nas tabelas abaixo. Importante destacar que a autora optou em categorizar as respostas dadas em 9 variáveis distintas (Relação Docente x Discente, Infraestrutura, Bolsa de Pesquisa, Fomento à Pesquisa, Empregabilidade, Saúde Mental e Física, Interação com Sociedade e Academia, Atuação dos PPGs e Universidades), para facilitar a organização e compreensão dos temas apresentados.

Apresentadas as respostas, análises e contribuições dadas pelos respondentes, seguem, então, nos quadros abaixo, os desafios e os pontos de melhoria sugeridos pelos alunos participantes desta pesquisa, com o intuito de servirem como diretrizes úteis para a elaboração futura de políticas públicas internas na Universidade – ao menos nos pontos em que compete à Universidade atender.

Quadro 1 – Relação docente x discente

Desafios	Oportunidades de melhoria
Alta demanda de tarefas por parte do orientador Nível de pressão psicológica alto por produção (quantidade e qualidade)	Adoção de papel de líderes para seus orientandos, fugindo da tradicional relação hierarquizada de poder, atuando como um agente inspirador aos seus alunos
Alguns orientadores não estão preparados para desempenhar o papel de orientador	Aumento do engajamento de docentes com outros grupos de pesquisa, a fim de aplicar networking e as interações sociais na academia
Ocorrência de assédio moral por parte de docentes e orientadores Docentes podem vir a tratar de maneira diferente os bolsistas e os alunos trabalhadores	Estímulo a rodas de conversas entre docentes e discentes acerca de problemas típicos da vida acadêmica (estresse, produção acadêmica, saúde mental, etc)
Produção baixa de alguns docentes não condiz com a exigência pedida aos discentes	Estabelecimento de normativos ou regras claras acerca de conduta e relação docente X discente, a fim de mitigar abusos de poder e outros problema Separação das diferenças pessoais na relação docente x discente, não prejudicando os atores sociais
Ocorrência de favoritismos dentre orientandos prejudica os relacionamentos na academia	

Fonte: Autora (2019)

Quadro 2 – Infraestrutura

Desafios	Oportunidades de melhoria
Infraestrutura precária em diversos departamentos e áreas de conhecimento	Exploração de outras fontes de fomento para a melhora de infraestrutura física da universidade
Problemas de espaço adequado para estudo e experimentos	Adoção de responsáveis por salas e laboratórios, ampliando as formas de acesso a esses locais
Bibliotecas defasadas em alguns cursos	
Falta de material para estudo e experimento	

Fonte: Autora (2019)

Quadro 3 – Bolsas de pesquisa

Desafios	Oportunidades de melhoria
<p>Número insuficiente de bolsas para atender à demanda de todos os pós-graduandos</p> <p>Valor pago é insuficiente para o cobrimento das despesas básicas individuais</p> <p>Impossibilidade de complementação de renda pela exigência de dedicação exclusiva</p>	<p>Reajuste dos valores pagos das bolsas, para suprir de fato as necessidades básicas dos pós-graduandos</p> <p>Aumento do número de bolsas disponíveis através de parcerias com o setor privado</p> <p>Distribuição de bolsas de acordo com a realidade socioeconômica dos alunos</p> <p>Disponibilização de vantagem ou benefício (financeiro, administrativo ou social) aos alunos trabalhadores, uma vez que estes não podem receber bolsa, mas precisam se dedicar concomitantemente à PG</p>

Fonte: Autora (2019)

Quadro 4 – Fomento à pesquisa

Desafios	Oportunidades de melhoria
<p>Csponíveis tendem a valorizar ciências exatas em detrimento das não-exatas</p>	<p>Flexibilização das regras para o uso de verbas em projetos de pesquisa, aproveitando assim melhor os recursos disponibilizados</p> <p>Aumento de parcerias com o setor privado, a fim de angariar maiores fundos para fomento à pesquisa, não dependendo basicamente de repasses de verbas do Estado</p> <p>Equilíbrio da distribuição de recursos entre as grandes áreas da CAPES, visando incrementar os investimentos em ciências não-exatas, que sofrem com menores repasses de verbas</p>

Fonte: Autora (2019)

Quadro 5 – Empregabilidade

Desafios	Oportunidades de melhoria
<p>Baixa ou ausente perspectiva de empregabilidade após a academia</p> <p>Baixa interação com mercado (indústria, empresa, etc.) prejudica a perspectiva de emprego futura</p>	<p>Universidades e PPGs criando maior interação com o mercado de trabalho, através de workshops e palestras com convidados da iniciativa, material online, etc.</p> <p>Maior interação da ciência desenvolvida com a realidade de mercado, a fim de ampliar as vantagens competitivas de emprego</p> <p>As disciplinas de docência e trabalhos desenvolvidos durante a PG contando como experiência em concursos e entrevistas de emprego</p> <p>PPGs disponibilizando algum tipo de tutoria acerca das possibilidades de trabalho pós-academia</p>

Fonte: Autora (2019)

Quadro 6 – Saúde mental e física

Desafios	Oportunidades de melhoria
<p>Alta ocorrência de alunos com problemas de saúde mental e física na pós-graduação</p> <p>Ausência de suporte à saúde mental e física de pós-graduandos</p> <p>Suporte gratuito existente na universidade à saúde mental contempla apenas graduandos</p> <p>Assunto encarado como supérfluo entre alguns docentes e academia em geral</p> <p>Possibilidade alta de abandono da pós-graduação em decorrência de tais transtornos</p> <p>Ausência de infraestrutura para a prática de esportes ou cuidados físicos na maioria dos campi</p>	<p>PPGs e docentes criando espaço para debate acerca do tema de saúde mental e física com seus alunos</p> <p>PPGs e universidades elaborando materiais de apoio acerca do assunto aos pós-graduandos</p> <p>Criação de centro de apoio ao aluno de pós-graduação sobre saúde mental e física, uma vez que o apoio psicológico grátis disponível na universidade é exclusivo para graduandos</p> <p>Criação de espaços em todos os campi para prática desportiva</p> <p>Maior sensibilização acerca de problemas de saúde mental por parte de docentes e PPGs, através de conscientização do tema com palestras, informativos, etc.</p>

Fonte: Autora (2019)

Quadro 7 – Interação com sociedade e academia

Desafios	Oportunidades de melhoria
<p>Falta de reconhecimento do papel de pesquisador perante a sociedade</p> <p>Isolamento social devido às altas demandas acadêmicas</p> <p>Falta de integração com outras áreas de conhecimento e departamentos</p> <p>Eventos existentes nos grupos de pesquisa, em sua maioria, são de finalidade acadêmica</p> <p>Falta de integração entre comunidade e academia</p> <p>Falta de integração da ciência com o mercado</p> <p>Ausência de eventos para interação de colegas e grupos, com objetivo diverso da academia</p>	<p>Maior integração de grandes áreas de conhecimento, departamentos e PPGs, a fim de compartilhar conhecimento, produção acadêmica e aumentar o networking entre os envolvidos</p> <p>Aumento da visibilidade (maior divulgação, criação de políticas públicas e protocolos) acerca do trabalho do pesquisador perante a sociedade em geral</p>

Fonte: Autora (2019)

Quadro 8 – Atuação dos PPGs

Desafios	Oportunidades de melhoria
<p>Alguns PPGs são desorganizados, com falta de comunicação interna e regras claras</p> <p>Falta de atendimento do PPG no tocante às demandas acadêmicas e pessoais aos alunos</p> <p>Falta de profissionalismo em algumas secretarias de PPGs</p> <p>PPGs não flexibilizam horários e condições de participação de alunos trabalhadores</p> <p>Pedagogia disponível em alguns PPGs antiquada e aquém da realidade científica</p> <p>Ausência de punição aos casos de assédio moral, machismo e sexismo</p> <p>Falta de integração de PPGs com o mercado, para ampliação de networking</p> <p>Curto tempo de duração de mestrado/doutorado X conciliação com produção científica</p>	<p>Flexibilização de horários de aula, promovendo maior integração e participação aos alunos trabalhadores</p> <p>Criação de código de conduta ou normativas sobre interação docente X discente, evitando desgastes, atritos e problemas de comunicação interna entre estes</p> <p>Estímulo a interação entre colegas, docentes e grupos de pesquisa, para eventos além da academia. promovendo o sentimento de pertencimento aos envolvidos</p> <p>Revisão da metodologia pedagógica, aprimorando-a com procedimentos e conteúdos mais modernos e interativos</p> <p>Maior fiscalização acerca da postura ética e profissional dos técnicos-administrativos atuantes nas secretarias e PPGs, capacitando-os para um atendimento ao aluno mais ético, respeitoso e comprometido</p> <p>Ampliação do network com a iniciativa privada, promovendo maior integração da ciência e sociedade civil</p> <p>Maior atenção e rigor aos casos de assédio moral, racismo, sexismo e relação de abuso de poder por parte, principalmente, de docentes, punindo os responsáveis destes atos</p>

Fonte: Autora (2019)

Quadro 9 – Universidade

Desafios	Oportunidades de melhoria
<p>Universidade presa em excesso de processos burocráticos, atrasando ou prejudicando a ciência</p> <p>Falta de ampla divulgação dos eventos internos na comunidade acadêmica e na sociedade em geral</p> <p>O corte de verbas na educação impedindo melhorias na infraestrutura e desenvolvimento da ciência</p> <p>Falta de parcerias com empresas, indústria e sociedade civil prejudica o desenvolvimento científico</p> <p>As UFs são reféns dos cortes de verbas da educação, podendo pouco fazer para reverter as carências financeiras ocorridas nos PPGs</p>	<p>Flexibilização de procedimentos e processos administrativos, a fim de garantir maior atendimento aos alunos e promover a celeridade destes</p> <p>Ampliação da divulgação de eventos internos da universidade dentro da própria universidade (através de mailings, redes sociais, cartazes, etc.)</p> <p>Desenvolvimento de parcerias com outros atores sociais dispostos a financiar a universidade e a ciência, tentando mitigar os efeitos dos cortes orçamentários na pasta de educação</p> <p>Promoção de mais eventos de divulgação científica abertos à sociedade civil, gerando maior integração entre estes atores</p>

Fonte: Autora (2019)

6 CONCLUSÕES

Os dados apresentados neste trabalho indicam a presença de grandes desafios vivenciados pelos alunos de PG dentro da UFRGS. Mostrou-se, através da análise das respostas obtidas, desafios que podem vir a prejudicar o rendimento acadêmico individual, possibilitando inclusive a evasão da PG, se não sanados tais problemas.

Verificou-se, com os dados obtidos, que parte dos problemas vivenciados na PG da presente instituição envolvem características que não são exclusivas da Universidade, mas sim características gerais dos PPGs nas universidades federais brasileiras, regidas pela União e dependentes, principalmente, do orçamento federal, e apresentando as características nacionalistas típicas dos PPGs, conforme apresentado no referencial teórico.

Entretanto, parte dos problemas também podem ser típicos de comportamento organizacional e culturais, como, por exemplo, os problemas de comunicação interna apontados e um certo tabu que, aparentemente, envolve o tratamento de problemas de saúde mental na academia.

Além dos desafios apresentados pelos pesquisados, também foram trazidas sugestões de melhorias. Pensa-se que tais sugestões podem auxiliar, principalmente, gestores, técnicos-administrativos e demais responsáveis nos PPGs, como possíveis diretrizes de política pública interna.

Das sugestões de melhoria apresentadas, pode-se destacar, especialmente, as relacionadas ao suporte à saúde mental na universidade, como a possibilidade de ampliação do atendimento psicológico da PRAE, (disponibilizado, até o momento, para os graduandos) para os pós-graduandos. Também foram apresentadas sugestões acerca de busca de fomento para além da esfera pública, contando com o apoio da iniciativa privada para suprir as demandas da academia, assim como para se criar uma maior interação entre pós-graduação e mercado de trabalho. Outro ponto que merece destaque, ainda, é o que se refere à necessidade de aumento do rigor com casos de assédio moral, principalmente de docentes contra discentes, evidenciados nas respostas discursivas.

Como limitações do estudo, destaca-se que a presente pesquisa foi aplicada somente a alunos de PG *stricto sensu* de Mestrado e Doutorado acadêmicos, frequentadores das dependências da UFRGS, excluindo assim os programas DINTER e MINTER e programas em parcerias com outras IES públicas. Além disso, mesmo com o procedimento de encaminhamento de e-mail com o *link* da pesquisa para as secretarias de todos os PPGs da universidade, em mais de uma ocasião, por parte da pós-graduanda e com total homologação por parte da orientadora da pesquisa, podem ter ocorrido problemas de comunicação

virtual relacionados a filtros de spam ou mesmo o não-encaminhamento das mensagens por parte dos próprios PPGs aos alunos. Ademais, por ser a pesquisa de participação voluntária, grande parte dos alunos que receberam o e-mail com o questionário podem ter optado por não participar do estudo ou não ter recebido a solicitação encaminhada pelos PPGs.

Como potencial para estudos futuros, abrem-se possibilidades tanto de ampliação da discussão dentro da própria UFRGS, por meio de estudos qualitativos focando em elementos críticos apontados pela presente pesquisa, quanto de replicação do instrumento em outras IES. Como resultados imediatos, tem-se a intenção de publicação de artigo científico já com os dados deste estudo para divulgação junto à comunidade acadêmica nacional e, adicionalmente, a elaboração de um sumário executivo, com uma síntese dos resultados que possa ser útil para apresentação à Reitoria da UFRGS para análise e reflexão futuras.

No longo prazo, também se manifesta a intenção da pesquisadora em prosseguir em seus estudos em modalidade *stricto sensu*, com vistas ao aprofundamento de análise de questões que envolvam a PG *stricto sensu* e suas diversas facetas.

REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, S. M. L.; FRAGALLI, A. C.; ESPEJO, M. M. d. S. B. A dor do crescimento: um estudo sobre o nível de estresse em pós-graduandos de contabilidade. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, v. 7, n. 1, p. 213–233, 2014.
- ALVES, M. F.; OLIVEIRA, J. F. d. Pós-graduação no brasil: do regime militar aos dias atuais. Periódico científico editado pela ANPAE, v. 30, n. 2, p. 1–26, 2014.
- ALVES, V. M.; ESPINDOLA, I. C. P.; BIANCHETTI, L. A relação orientador-orientando na pós-graduação stricto sensu no brasil: a autonomia dos discentes em discussão. *Revista Educação em Questão*, v. 43, n. 29, 2012.
- BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. *Os desafios da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira*, v. 1, p. 285–314, 2005.
- BARDL, L. Análise de conteúdo. *Lisboa: edições*, v. 70, p. 225, 1977.
- BERNDT, A. *A Questão da Orientação na Pós-graduação em Administração*. 2003.
- BIANCO, A. C. L. et al. A internacionalização dos programas de pós-graduação em psicologia: perfil e metas de qualificação. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 23, n. 1, p. 1–10, 2010.
- BONADIO, M. C. A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no brasil. *IARA: revista de Moda, Cultura e Arte*, n. 3, p. 50–146, 2005.
- BONFIM, M. D. *Aspectos gerais da produção científica dos programas Stricto Sensu em contabilidade no Brasil: um estudo baseado nas teses e dissertações*. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, 2013.
- BRASIL, C. d. D. *Salário mínimo em janeiro deveria ser de R\$ 3.928,73, diz Dieese*. 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=09DA93B91D0C4B92995C5DEB48609DF1.proposicoesWebExterno2?codteor=1495741&filename=Tramitacao-PEC+241/2016>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- CAPES. *Sistema de informações georreferenciadas*. 2017. Disponível em: <<https://geocapes.capes.gov.br/geocapes>>. Acesso em: 04 set. 2018.
- CAPES. *Sobre as áreas de avaliação*. 2017. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 04 set. 2018.
- CAPES. *Coleta Capes*. 2018. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- CARAN, V. C. S. et al. Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do brasil. *Acta Paulista de Enfermagem, Escola Paulista de Enfermagem*, v. 23, n. 6, 2010.

- CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. *Administração OnLine: Prática, Pesquisa, Ensino, São Paulo*, v. 1, n. 1, p. 23–48, 2000.
- COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. d. Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político. *Práticas PSI inventando a vida*, v. 1, n. 1, p. 27–38, 2007.
- COMÉRCIO, J. do. *Ufrgs reduz funcionamento para economizar energia e temendo falta de verbas*. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/geral/2019/01/667330-ufrgs-reduz-horario-de-funcionamento-para-economizar-energia.html>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- COSTA, D. d. C. S. d. *Docência Universitária e Formação Pedagógica: o Estágio de Docência na Pós-Graduação stricto sensu*. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Londrina, 2015.
- COSTA, E. Garcia da; NEBEL, L. O quanto vale a dor? estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis (Santiago)*, v. 17, n. 50, p. 207–227, 2018.
- DALL'ALBA, R. Ensaio sobre a ciência e informação científica na construção de políticas de saúde. *UFRGS (Trabalho de Conclusão de Curso)*, 2015.
- DANTAS, J. L. V. et al. *O perfil acadêmico dos docentes da pós-graduação stricto sensu dos Cursos de Administração no Brasil*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Paraíba, 2008.
- DUCA, G. F. D. et al. Grupos de pesquisa em cursos de educação física com pós-graduação "stricto sensu" no Brasil: análise temporal de 2000 a 2008. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, SciELO Brasil*, v. 25, n. 4, p. 607–617, 2011.
- ERDMANN, A. L. et al. O alcance da excelência por programas brasileiros de pós-graduação stricto sensu com doutorado em enfermagem. *SciELO Brasil*, v. 21, n. 1, p. 130–139, 2012.
- EVANGELISTA, M. *Estudantes de Pós-Graduação Stricto Sensu: um novo e vultoso grupo social/profissional a ser conhecido*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.
- FARO, A. Estresse e estressores na pós-graduação: estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 51–60, 2013.
- FELLI, V. E. A. et al. Perfil de egressos da pós-graduação stricto sensu na área de gerenciamento em enfermagem da eusp. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 45, p. 1566–1573, 2011.
- FERNANDES, F. *DEPRESSÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO: É PRECISO FALAR SOBRE ISSO*. 2018. Disponível em: <<http://www.anpg.org.br/14/09/2018/depressao-na-pos-graduacao-e-preciso-falar-sobre-isso/>>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- FERREIRA, N. S. C.; PACHECO, J. A. As políticas de formação de pesquisadores: análise comparativa (portugal-brasil) em contextos de programas de pós-graduação. Fundação Cesgranrio, 2009.

FILHO, G. A. L.; MARTINS, G. d. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. *Revista de Administração de Empresas*, SciELO Brasil, v. 46, n. SPE, p. 99–109, 2006.

GALDINO, M. J. Q. *Síndrome de Burnout e qualidade de vida entre estudantes de pós-graduação stricto sensu em enfermagem*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Londrina, 2015.

GAUCHAZH. *UFRGS sobe cerca de 100 posições em ranking de universidades de países emergentes*. 2019. Disponível em:

<[https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/01/](https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/01/ufrgs-sobe-cerca-de-100-posicoes-em-ranking-de-universidades-de-paises-emergentes-cjqy0dnop00sw01.html)

[ufrgs-sobe-cerca-de-100-posicoes-em-ranking-de-universidades-de-paises-emergentes-cjqy0dnop00sw01.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/01/ufrgs-sobe-cerca-de-100-posicoes-em-ranking-de-universidades-de-paises-emergentes-cjqy0dnop00sw01.html)>. Acesso em: 01 jan. 2019.

HADDAD, S. *A produção discente da pós-graduação em educação no período 1986-1998*. [S.l.]: São Paulo: Ação Educativa, 2000.

HERCULANO-HOUZEL, S. *Você quer mesmo ser cientista?* 2012. Disponível em:

<<https://posgraduando.com/voce-quer-mesmo-ser-cientista/>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

JUNTA, C. Estresse e depressão na pós-graduação: uma realidade que a academia insiste em não ver. *Associação Nacional de Pós-Graduandos. Retrieved April*, v. 9, n. 1, p. 1–12, 2017.

LANSINI, L. C. et al. Nível de sedentarismo entre estudantes universitários do rio grande do sul e os possíveis fatores associados. *O Mundo da Saúde, São Paulo*, v. 41, n. 3, p. 267–274, 2017.

LIMA, D. d. F. P. *Quanto vale uma pós-graduação stricto-sensu no Brasil?: os efeitos do mestrado e doutorado na remuneração de seus egressos*. Tese (Doutorado) — Fundação Getúlio Vargas, 2016.

LOUZADA, R. d. C. R.; FILHO, J. F. da S. Formação do pesquisador e sofrimento mental: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 3, p. 451–461, 2005.

LUZ, M. T. Natural racional social: razão médica e racionalidade científica moderna. In: *Natural racional social: razão médica e racionalidade científica moderna*. [S.l.: s.n.], 2004.

LUZ, M. T. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. *PHYSIS: revista de saúde coletiva*, SciELO Public Health, v. 15, p. 39–57, 2005.

LYRA, S. *Bolsa de pesquisa: um passo mais perto do reajuste anual*.

2018. Disponível em: <[http://www.cienciaexplica.com.br/noticias/](http://www.cienciaexplica.com.br/noticias/bolsa-de-pesquisa-um-passo-mais-perto-do-reajuste-anual/)

[bolsa-de-pesquisa-um-passo-mais-perto-do-reajuste-anual/](http://www.cienciaexplica.com.br/noticias/bolsa-de-pesquisa-um-passo-mais-perto-do-reajuste-anual/)>. Acesso em: 11 jan. 2018.

MACCARI, É. A. *Contribuições à gestão dos programas de pós-graduação stricto sensu em administração no Brasil com base nos sistemas de avaliação norte americano e brasileiro*. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2008.

MADURO, M. R. *Competências e carreiras docentes: um estudo da pós-graduação Stricto Sensu em instituições de ensino superior no Brasil*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

MATTOS, P. L. C. de. Nós e os índices: a propósito da pressão institucional por publicação. *Revista de Administração de Empresas*, SciELO Brasil, v. 48, n. 2, p. 144–149, 2008.

MATTOS, V. d. B. *Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho: um estudo sobre o alongamento da escolarização entre os mestrandos da UFSC*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MORAES, F. T. Estudantes de mestrado e doutorado relatam suas dores na pós-graduação. *Folha de São Paulo*. São Paulo, v. 18, p. 1–11, 2017.

MOREIRA, A. F. A cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em educação no Brasil. *Educação em Revista*, SciELO Brasil, v. 25, n. 3, p. 23–42, 2009.

PARASURAMAN, A.; GREWAL, D.; KRISHNAN, R. *Marketing research*. [S.l.]: Cengage Learning, 1991.

PELEGRINI, A.; PETROSKI, E. L. Inatividade física e sua associação com estado nutricional, insatisfação com a imagem corporal e comportamentos sedentários em adolescentes de escolas públicas. *Rev paul pediatr*, v. 27, n. 4, p. 366–73, 2009.

REIS, E. A.; REIS, I. A. Análise descritiva de dados. *Síntese numérica Estatística*, 2002.

RICHETTI, G. P. et al. Um instrumento para avaliar a formação de egressos da pós-graduação: o programa de pós-graduação em educação científica e tecnológica da universidade federal de Santa Catarina como estudo de caso. 2014.

ROESH, S. M. A. Projetos de estágio e de pesquisa em administração. *Atlas*, v. 2, 1999.

SANTOS, A. S. d. et al. *O INGRESSO NO MESTRADO E A ADAPTAÇÃO À PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

SOUZA, R. R. *Análise da influência da concessão de bolsa de estudos na produtividade acadêmica dos estudantes de administração ao nível pós-graduação stricto sensu no Brasil*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

UFRGS. *UFRGS é a melhor universidade do país, segundo o MEC*. 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ufrgs-e-a-melhor-universidade-federal-do-pais-segundo-o-mec>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

UFRGS. *UFRGS em números*. 2017. Disponível em: <https://www1.ufrgs.br/paineldedados/ufrgs_numeros.html#EnsPos>. Acesso em: 13 jun. 2018.

UFRGS. *Histórico*. 2019. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

UFRGS. *Pró-reitoria de Pós-Graduação*. 2019. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/propg/institucional>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

UFRGS. *Sobre a PRAE*. 2019. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/prae/a-prae/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

UFRGS. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduação*. 2019. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/pos-graduacao>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

UOL. *Salário mínimo em janeiro deveria ser de R\$ 3.928,73, diz Dieese*. 2019. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/06/salario-minimo-ideal-em-janeiro-dieese.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

VIANA, C.; VEIGA, I. P. A. O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos. *Educação*, Programa de Pós-Graduação em Educação Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 222–226, 2010.

VIANA, C. M. A relação orientador-orientando na pós-graduação stricto sensu. *Linhas Críticas*, v. 14, n. 26, p. 93–110, 2008.

VIEIRA, E. F.; VIEIRA, M. M. F. Funcionalidade burocrática nas universidades federais: conflito em tempos de mudança. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 8, n. 2, p. 181–200, 2004.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PÓS-GRADUANDOS STRICTO SENSU UFRGS

TERMO EXPLICATIVO

Afinal, o que querem e necessitam os alunos de pós-graduação Stricto Sensu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul?

Estimado(a) estudante de pós-graduação stricto sensu da UFRGS!

Você está sendo convidado(a) a participar, através deste formulário, de pesquisa desenvolvida por Jéssica Hoepers Müller (pós-graduanda em Gestão Pública) e orientada pela Prof.^a Dra. Christine da Silva Schröder.

Nosso objetivo é identificar principais demandas e necessidades atuais de nossos estudantes de mestrado e doutorado da UFRGS.

Sua participação será totalmente ANÔNIMA, e de forma alguma você será identificado(a). Os dados serão analisados de forma totalmente global. Esta pesquisa não deverá lhe causar qualquer dano, e você poderá declinar da participação a qualquer momento. O tempo para preenchimento está estimado em 05 (cinco) minutos.

Agradecemos pela sua contribuição para nossa pesquisa, em que vemos relevância acadêmica, social e institucional para tornarmos nossa pós-graduação mais qualificada e humana.

Muito obrigada!

Obs.: Caro(a) estudante do MINTER e DINTER: neste momento, esta pesquisa se aplica somente aos cursos da UFRGS na sede UFRGS. Esperamos poder contar com você em outra pesquisa. Obrigada de qualquer forma!

PERGUNTAS:**1. Eu sou:**

Mestrando (a)

Doutorando (a)

2. Com relação ao gênero, me identifico como sendo:

Mulher

Homem

Outro(a)

3. "Grande área" de conhecimento da CAPES à qual pertence o meu PPG (não é necessário identificar o Programa nem a área):

Ciências Agrárias (abrange áreas como Ciências de Alimentos, Ciências Agrárias I, Medicina Veterinária, Zootecnia/Recursos Pesqueiros)

Ciências Biológicas (abrange áreas como Biodiversidade e Ciências Biológicas I, II e III)

Ciências Exatas e da Terra (Astronomia/Física, Ciência da Computação, Geociências, Matemática/Probabilidade e Estatística, Química)

Engenharias (Engenharia I, II, III e IV)

Multidisciplinar (Biotecnologia, Ciências Ambientais, Ensino, Interdisciplinar, Materiais)

Ciências Humanas (Antropologia/Arqueologia, Ciência Política e Relações Internacionais, Ciências da Religião e Teologia, Educação, Filosofia, Geografia, História, Psicologia e Sociologia)

Ciências Sociais Aplicadas (Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, Arquitetura, Urbanismo e Design, Comunicação e Informação, Direito, Economia, Planejamento Urbano e Regional/Demografia, Serviço Social)

Ciências Sociais Aplicadas (Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, Arquitetura, Urbanismo e Design, Comunicação e Informação, Direito, Economia, Planejamento Urbano e Regional/Demografia, Serviço Social)

Artes (Artes, Linguística e Literatura)

4. Eu estudo:

- Com bolsa de estudos (CAPES, CNPq ou outros) e com dedicação exclusiva
- Sem bolsa de estudos, mas com atividade profissional concomitante
- Sem bolsa de estudos, mas com auxílio de terceiros (família, amigos, etc.)
- Nenhuma das condições acima

5. Eu estudo:

- Com bolsa de estudos (CAPES, CNPq ou outros) e com dedicação exclusiva
- Sem bolsa de estudos, mas com atividade profissional concomitante
- Sem bolsa de estudos, mas com auxílio de terceiros (família, amigos, etc.)
- Nenhuma das condições acima

Para cada uma das questões a seguir, responda com a opção que melhor representa sua percepção a respeito.

6. Em meu programa de pós-graduação, sou cobrado por produções acadêmicas (artigos, trabalhos em eventos, capítulos de livro, inserção em projetos, etc.).

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

7. O foco em produção acadêmica por parte do meu orientador prejudicou/prejudica a própria construção da minha dissertação/tese.

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

8. Já abri/abro mão de finais de semana e tempo pessoal para atender as deadlines e entregas de alguma produção acadêmica.

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

9. Já entrei em conflito que considero sério com meu orientador (minha orientadora).

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

10. Tenho/tive dificuldades de socialização e lazer para além da Universidade, durante minha jornada na pós-graduação.

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

11. Já pensei/penso em desistir de cursar a pós-graduação.

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

12. Tive de pedir dinheiro emprestado à família e/ou amigos para cobrir despesas dos meus estudos, mesmo tendo bolsa de estudos, ou , justamente, por não tê-la.

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

13. **Tive problemas/dificuldades relacionados à busca de moradia.**
- Sempre/frequentemente/a todo momento
 - Muitas vezes durante o curso
 - Algumas vezes durante o curso
 - Raras vezes durante o curso
 - Nunca
14. **Tive problemas no meu PPG com falta de estrutura física (salas, etc.) para desenvolver as minhas atividades.**
- Sempre/frequentemente/a todo momento
 - Muitas vezes durante o curso
 - Algumas vezes durante o curso
 - Raras vezes durante o curso
 - Nunca
15. **Tive problemas no meu PPG com falta de estrutura tecnológica (laboratórios, biblioteca, softwares) para desenvolver minhas atividades.**
- Sempre/frequentemente/a todo momento
 - Muitas vezes durante o curso
 - Algumas vezes durante o curso
 - Raras vezes durante o curso
 - Nunca
16. **Tive problemas no meu PPG que envolveram questões pedagógicas/de interação com professores e servidores.**
- Sempre/frequentemente/a todo momento
 - Muitas vezes durante o curso
 - Algumas vezes durante o curso
 - Raras vezes durante o curso
 - Nunca
17. **Tive problemas no meu PPG que envolveram questões com colegas de aula/pesquisa.**
- Sempre/frequentemente/a todo momento

- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

18. **Tive problemas relacionados à minha saúde psíquica (sintomas de stress, pânico, ansiedade e/ou depressão).**

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

19. **Tive problemas relacionados à minha saúde física em geral.**

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

20. **Sinto que o meu PPG não se preocupa/não está atento a questões de saúde mental dos pós-graduandos.**

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

21. **Sinto que o meu PPG não se preocupa/não está atento a questões de saúde física dos pós-graduandos.**

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso

Nunca

22. **Sinto que as demandas em geral minhas e de meus colegas não são contempladas por ações do PPG e da Universidade.**

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

23. **Me sinto desvalorizado(a) como pesquisador(a).**

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

24. **Eu tive/ tenho tido pensamentos negativos sobre meu futuro como pesquisador(a).**

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

25. **Eu tive/tenho tido pensamentos negativos quanto à minha empregabilidade ao terminar a pós-graduação.**

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

26. **Me senti/me sinto desamparado(a) pelo PPG.**

Sempre/frequentemente/a todo momento

- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

27. Me senti/me sinto desamparado(a) pela Universidade.

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

28. Me senti/me sinto sobrecarregado(a) de responsabilidades.

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

29. Percebi/percebo que minha família não me apoia nem me compreende na pós-graduação.

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

30. Percebi/percebo que meus amigos fora da academia não me apoiam/não compreendem na pós-graduação.

- Sempre/frequentemente/a todo momento
- Muitas vezes durante o curso
- Algumas vezes durante o curso
- Raras vezes durante o curso
- Nunca

31. **Tive/tenho problemas familiares e/ou de relacionamentos durante a pós-graduação.**

Sempre/frequentemente/a todo momento

Muitas vezes durante o curso

Algumas vezes durante o curso

Raras vezes durante o curso

Nunca

32. **RESPOSTA OPCIONAL**

Em sua opinião, quais são os maiores desafios enfrentados como pós-graduando (a) na UFRGS? Por quê? Que sugestões você faria? Algum comentário sobre as questões anteriores?